

EBOOK
Vida Cristã



Romaria com D. Javier Echevarría

D. Javier Echevarría

D. Javier Echevarría

ROMARIA COM D. JAVIER ECHEVARRÍA

www.opusdei.org

Índice

- Carta do Prelado (Maio 2007)
- Carta do Prelado (maio 2008)
- Carta do Prelado (maio 2009)
- Carta do Prelado (maio 2010)
- Carta do Prelado (maio 2011)
- Carta do Prelado (maio 2012)
- Carta do Prelado (maio 2013)
- Carta do Prelado (maio de 2014)
- Carta do Prelado (Maio 2015)
- Carta do Prelado (maio de 2016)

Carta do Prelado (Maio 2007)

Caríssimos: que Jesus guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Ao longo do Tempo pascal, as leituras da Missa apresentam-nos cenas tiradas dos Atos dos Apóstolos. É motivo de imensa alegria verificar que, desde o princípio, desde o dia de Pentecostes, os primeiros fiéis tinham a clara consciência de que constituíam a nova família de Deus na terra, fundamentada no sacrifício pascal de Cristo e na efusão do Espírito Santo. Enchamo-nos de alegria e de responsabilidade, pois a Igreja, sempre jovem, somos nós, cada um de nós.

São Lucas atesta que aqueles nossos primeiros irmãos na fé *perseveravam assiduamente na doutrina dos Apóstolos e na comunhão, na fração do pão e nas orações* (At 2, 42). E acrescenta que *a multidão dos fiéis tinha um só coração e uma só alma* (At 4, 32).

Uma consequência imediata desse saberem-se e sentirem-se família de Deus era a audácia apostólica, a valentia de falar de Jesus às pessoas com quem se encontravam, sem que o medo ou os respeitos humanos os detivessem. *Anunciavam com intrepidez a palavra de Deus*, anota o evangelista, e sublinha: *Com grande coragem, os Apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus. E em todos eles havia abundância de graça* (At 4, 31.33).

Por trás desse quadro admirável, em que se destacam o lógico entusiasmo por Jesus ressuscitado e o ímpeto apostólico dos primeiros cristãos, adivinha-se – como vos dizia – a convicção de se saberem família de Deus na terra: essa família, unida por laços muito mais fortes que os do sangue, que o Senhor tinha anunciado na sua pregação: *Estes são a minha mãe e os meus irmãos. Porque todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão e minha irmã e minha mãe* (Mt 12, 49-50).

Esta afirmação de Jesus aplica-se em primeiro lugar à Santíssima Virgem, porque foi graças à sua plena adesão ao que o Arcanjo lhe anunciara da parte de Deus que se levou a cabo o grande mistério da Encarnação do Verbo. D'Ela aprenderam os primeiros cristãos a comportar-se como filhos de Deus, como irmãos de Jesus Cristo.

Alguns Padres da Igreja ressaltam o papel insubstituível de Maria como Mãe na Igreja primitiva, após a Ascensão de Cristo ao Céu e a vinda do Paráclito. Por exemplo, num livro atribuído a São Máximo o Confessor, refere-se que “quando os Apóstolos se dispersaram pelo mundo inteiro, a santa Mãe de Cristo, como Rainha de todos, habitava no centro do mundo, em Jerusalém, em Sião, com o Apóstolo predileto que Jesus Cristo, o Senhor, lhe tinha dado como filho” (*Vida de Maria*, atribuída a São Máximo o Confessor, n. 95, in “Testi mariani del primo millenio”, vol. II, pág. 259).

Estas considerações afiguram-se muito oportunas no mês de maio, especialmente dedicado – em grande parte do mundo – à Santíssima Virgem. Cumprindo a missão que o seu Filho lhe confiara na Cruz, Nossa Senhora comporta-se em todos os momentos como Mãe dos cristãos, como Mãe da Igreja. Convido-vos a considerar a alegria de São Josemaria quando – no começo deste mês – observava que “a devoção à Virgem está sempre viva, despertando nas almas cristãs o impulso sobrenatural de se comportarem como *domestici Dei*, como membros da família de Deus” (São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 139).

Penso que não é atrevido chegar à conclusão de que São Josemaria foi um inovador, ou se o quisermos, um santo que tirou imensas riquezas e luzes da Sagrada Escritura. Costumava repetir que o cristão – e concretamente o homem, a mulher do Opus Dei – faz, da rua, templo, porque converte as suas ocupações em culto e louvor à Trindade. E eu vejo nessas palavras da homilia que acabo de citar algo de muito característico, que muitas pessoas têm comentado: pelo seu trato, pela sua conversa, São Josemaria convertia em outra Betânia os lugares mais díspares em que se encontrava. Entre os doentes, entre os operários, entre os universitários, entre os intelectuais, etc. – e poderia citar-vos muitos casos –, criava ambiente de família, e nele todos aprendiam a receber Cristo, como o faziam Marta, Maria e Lázaro.

É muito lógico que cada qual, na medida das suas necessidades particulares, procure concretizar já desde agora como vai tratar pessoalmente a Virgem Maria nestas semanas, com o propósito de ver irmãos nos outros, a todas as horas. Talvez possamos pôr mais atenção e mais carinho na recitação diária do terço e na contemplação dos mistérios; ou ir em peregrinação – acompanhados talvez de outra pessoa – a algum dos santuários ou ermidas dedicados a Nossa Senhora, na cidade em que moramos ou nos arredores.

No Opus Dei, vivemos durante este mês o costume da *Romaria de maio*, a que o nosso Fundador deu início no ano de 1935. Ponhamos já os seus frutos espirituais nas mãos da nossa Mãe. Porque, como precisa São Josemaria, “Maria edifica continuamente a Igreja, reúne-a, mantém-na coesa. É difícil ter uma devoção autêntica à Virgem e não sentir-se mais vinculado aos outros membros do Corpo Místico e mais unido à sua Cabeça visível, o Papa” (*Ibid*).

Considerar a Igreja como família de Deus traz-me à mente também a necessidade de difundir a verdade sobre a família, fundada sobre o matrimônio de *um com uma e para sempre*, que – como afirmava o Papa em Valência, há pouco menos de um ano – “é o âmbito privilegiado em que cada pessoa aprende a dar e receber amor” (Bento XVI, *Discurso no Encontro Mundial das Famílias*, 08.08.2006). Nunca nos esforçaremos suficientemente por promover a doutrina cristã sobre este ponto, quando em muitos países se minam – mediante leis e costumes injustos – os fundamentos naturais da instituição familiar. Há poucas semanas, tive a alegria de reunir-me – em Roma – com um numeroso grupo de casais, que assistiam a um Congresso Internacional da Família. Seguindo os ensinamentos do Magistério da Igreja, animei-os a continuar a fortalecer – com a sua palavra e a sua vida – as raízes dessa instituição, que é “um bem necessário para os povos, um fundamento indispensável para a sociedade e um grande tesouro dos esposos durante toda a sua vida” (*Ibid*.)

Se a família é chamada, com razão, *Igreja doméstica*, é assim “porque manifesta e realiza a natureza comunitária e familiar da Igreja como família de Deus. Cada membro, de acordo com o papel que lhe cabe, exerce o sacerdócio batismal, contribuindo para fazer da família uma comunidade de graça e de oração, escola das virtudes humanas e cristãs, lugar do primeiro anúncio da fé aos filhos” (*Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, n. 350).

Característica essencial desta instituição, como comunidade fundada e edificada sobre o amor – doação desinteressada aos outros –, é que os seus membros devem saber gastar-se diariamente numa efetiva e afetuosa preocupação de uns pelos outros. Nela não é possível que este ou aquele raciocine como se os outros não existissem; cada uma, cada um, deve preocupar-se pelas necessidades dos outros: que rezem uns pelos outros, que se ajudem mutuamente, que sofram e se alegrem com as penas e com as alegrias dos outros. Deste modo, todos contribuirão para realizar o dulcíssimo preceito que a fraternidade cristã traz consigo, com uma sementeira de paz e de alegria que acaba necessariamente por influir na sociedade.

O dever de *fazer família* em cada lar é um dever gratíssimo, que incumbe a todos: ao pai e à mãe, aos irmãos, aos avós, às pessoas que colaboram com o seu trabalho nas lides do lar. É uma tarefa que diz respeito a todos, porque todos temos de lutar contra o espírito de “*reizinhos*”, manifestação clara do apego ao nosso eu. Logicamente, é tarefa prioritária dos pais, que devem orientar todo o seu projeto de vida, acima de outros fins nobres, para a realização – o mais acabada possível – do modelo da Sagrada Família de Jesus, Maria e José. Embora não se possam evitar completamente algumas desavenças entre os cônjuges, os esposos cristãos devem esmerar-se em superá-las prontamente, pedindo perdão e perdando.

São Josemaria compreendia e desculpava essas fraquezas, porque, “como somos criaturas humanas, pode-se brigar de vez em quando, mas pouco. E depois – acrescentava –, os dois devem reconhecer que têm eles a culpa e dizer um ao outro: “Perdoa-me!”, e abraçar-se... E para a frente! Mas que se note que já não voltais a ter brigas durante muito tempo. E diante dos filhos, pequenos ou crescidos, não brigueis nunca. As crianças, mesmo que sejam muito pequenas, reparam em tudo” (São Josemaria, *Anotações* tomadas numa tertúlia, 04.06.1974).

Este panorama maravilhoso, filhas e filhos meus que viveis a vossa vocação divina no matrimônio, manifesta-se também em sacrifícios geralmente pequenos, embora às vezes vos pareçam grandes. A responsabilidade de levar para a frente o vosso lar compete – cem por cento – ao pai e à mãe, em todas as ordens. Talvez um dos cônjuges, por exigências do trabalho, passe grande parte do tempo fora de casa; mas, ao regressar no fim do dia – mesmo que tenha sido um dia extenuante –, não pode desinteressar-se de tornar grata a convivência aos demais membros da família; como não pode dedicar-se a pensar com egoísmo no seu próprio descanso. Deveis dedicar ao outro cônjuge o carinho e as atenções a que tem direito, e aos filhos o tempo e o carinho de que precisam, sobretudo em algumas épocas mais importantes do seu desenvolvimento físico e afetivo.

Examinai, pois, minhas filhas e filhos casados, o vosso comportamento no lar. Pensai de que maneira podeis melhorar a vossa colaboração nos trabalhos da casa, que competem também aos homens; vede se conversais com calma sobre

cada um dos vossos filhos, para orientá-los de comum acordo; se estais dispostos a reduzir – quando for preciso – a vossa atividade fora de casa, para atender mais a vossa família, que é – sempre! – *o melhor negócio*, como assegurava São Josemaria. Especialmente quando os filhos são ainda pequenos, vede se facilitaís ao outro cônjuge o cumprimento dos seus deveres familiares, como a assistência à Santa Missa ou aos meios de formação cristã. Procurai os modos oportunos, na certeza de que esse esforço e esse sacrifício redundam em bem da família inteira.

Nos parágrafos anteriores, dirigi-me mais especificamente às pessoas casadas, mas desejo ressaltar que esses deveres e a substância desses conselhos podem aplicar-se a todos, pois todos temos a responsabilidade – cada uma e cada um nas suas circunstâncias pessoais – de criar e manter à nossa volta um verdadeiro ar e ambiente de família. Que fazes tu pelos outros, excedendo-te? Que interesse pões em dar paz e alegria aos outros? Como te mostras disponível seja para o que for? Na repartição, na oficina, no escritório, nos tempos de descanso, como cultivas a fraternidade, o ambiente de lar?

Por outro lado, ao escrever estas linhas, penso de modo particular no trabalho das minhas filhas que se ocupam da Administração dos nossos Centros. Precisamente porque desempenhais, de modo muito semelhante, a tarefa da Virgem Maria no lar de Nazaré, quanto podeis influir, minhas filhas, no bom andamento de cada pessoa, de cada Centro, de cada apostolado, da Obra inteira, da sociedade, com esse serviço escondido e silencioso que dá sabor de vida cristã!

Nesta família maravilhosa que é a Obra, sensibilizei-me em dois momentos que agradeço a Deus. Há quinze dias, estive em Milão; anteontem regressei de Berlim. Nas duas estadias, muitas lembranças da vida do nosso Padre, que “quer” que a toda a hora, todas e todos, “façamos família”.

Recorramos muito à Mãe da Igreja e da Obra, para que nos ensine a difundir por toda a parte os ideais da família cristã, com as suas diversas conseqüências práticas, necessárias. Se alguma vez pedem sacrifício, não esqueçamos que se apresentam também como uma fonte inesgotável de alegria: a alegria de quem não pensa em si mesmo, mas se gasta numa entrega generosa aos outros, por Deus, como fez Jesus Cristo.

Continuai a rezar pelas minhas intenções. Deus quis que eu fosse o Padre desta família sobrenatural da Obra. Eu, sozinho, não posso nada; apoiado nas minhas filhas e nos meus filhos, com a graça de Deus, poderei tudo: *Omnia possum in eo qui me confortat* (Fil 4, 13). Lembrai-vos especialmente de rezar pelos Numerários que receberão a ordenação sacerdotal, em Roma, no próximo dia 26. Pedi ao Senhor que no-los faça muito santos, totalmente dedicados ao serviço das suas irmãs e irmãos, e de todas as almas.

E rezai mais, muito mais, por Bento XVI, o Pai comum dos cristãos, o Vigário de Cristo nesta grande família de Deus sobre a terra, que é a Igreja Santa.

Com todo o carinho, abençoa-vos

o vosso Padre

+ Javier

Roma, 1 de maio de 2007.

[Voltar ao índice](#)

Carta do Prelado (maio 2008)

Caríssimos: que Jesus guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Celebra-se hoje na Igreja universal a solenidade da Ascensão do Senhor; em alguns lugares, por motivos pastorais, é transferida para o próximo domingo. Como nos aconselhava o nosso Padre, coloquemo-nos no meio dos Apóstolos e das santas mulheres, que foram testemunhas deste último mistério da vida de Jesus na terra.

É justo que a Santa Humanidade de Cristo receba a homenagem, a aclamação e a adoração de todas as hierarquias dos Anjos e de todas as legiões dos bem-aventurados da Glória [1]. Queremos unir-nos de todo o coração a essa glorificação do nosso Jesus. Sentimos a urgência de prender-nos com força à graça da salvação que Ele nos alcançou e, conscientes de que – tal como aos Onze – também a nós nos pode censurar a nossa pouca fé [2], suplicamos-lhe que imprima no nosso ser a grandeza de uma vida nova, a vida sobrenatural.

O Senhor deixou-nos. Foi para o Céu para nos preparar a mansão definitiva; dali, da direita do Pai, como repete a Liturgia, a *gratia Capitis*, a graça da Cabeça chega a todos os membros do Corpo Místico. Antes de partir, encarregou-nos de ir por toda a parte, sem medo, sem respeitos humanos, com fé e otimismo, para difundir os seus ensinamentos [3].

É evidente a desproporção entre o encargo recebido e as nossas forças: somos tão pouca coisa para tal empreendimento! Mas que segurança nos infunde a sua promessa de que não nos deixará sós, de que nos enviará o Espírito Santo para sermos suas testemunhas até os últimos confins da terra! [4] A Ascensão do Senhor é, para cada uma e para cada um de nós, um desafio extraordinário e uma confiança total do Céu.

Mas tu e eu nos sentimos órfãos; estamos tristes, e vamos consolar-nos com Maria [5]. Com estas palavras termina São Josemaria o seu comentário ao segundo mistério glorioso do Rosário. Vamos, pois, consolar-nos com a nossa Mãe, para que Ela nos mantenha fiéis, firmemente fiéis, neste compromisso de dar testemunho de Cristo e dos seus ensinamentos.

Em grande parte do mundo, maio é o *mês de Maria* por antonomásia. Lembro-me do entusiasmo com que São Josemaria se preparava todos os anos para dar à sua vida, nestes dias, um tom especialmente mariano. Pensemos desde já que *flores* nos propomos oferecer a Nossa Senhora nas próximas semanas: que pormenores de piedade no trato com Jesus, seu Filho muito amado, e no trato com Ela; que mortificações no trabalho, nas relações com as outras pessoas, no cumprimento dos nossos deveres familiares, profissionais e sociais. Mesmo que nos pareçam habitualmente coisas pequenas, se as realizarmos com amor e por amor, exalarão o *bonus odor Christi* [6], o bom odor de Cristo que todo o cristão está chamado a

difundir com o seu comportamento, para que as outras pessoas também conheçam e amem Jesus. Concretizaste já o teu plano pessoal para honrar a Senhora durante estes dias?

O mês de maio está cheio de festas de Nossa Senhora e de recordações marianas da história do Opus Dei, que servem para avivar em nós os sentimentos filiais do nosso coração, à medida que passam os dias. Gostaria, com estas linhas, de vos ajudar nisto.

Amanhã, dia 2, é o aniversário daquela peregrinação com que São Josemaria deu início ao costume da Romaria de maio. Já passaram 73 anos e, desde esse dia, quantos milhares e milhares de visitas dos seus filhos e filhas não recebeu Nossa Senhora, em todo o mundo, seguindo as pegadas daquela que o nosso Padre fez!

Cuidemos do carácter familiar que São Josemaria imprimiu a este Costume mariano do Opus Dei, desde o princípio. Referindo-se à peregrinação de 2 de maio de 1935, escrevia anos mais tarde: **Não era uma romaria no sentido habitual. Não era ruidosa nem multitudinária. Íamos apenas três. Respeito e estimo essas outras manifestações públicas de piedade, mas, pessoalmente, prefiro procurar oferecer a Maria o mesmo carinho e o mesmo entusiasmo por meio de visitas pessoais, ou em pequenos grupos, com sabor de intimidade [7].**

São tantas as intervenções da Virgem Maria em favor dos seus filhos! A maior parte das vezes, são ações que passam ocultas na história da humanidade, mas que iluminam interiormente a vida dos seus destinatários, que lhes dão forças para melhorar, para aspirar à árdua – mas acessível – meta da união com Deus, a santidade. Estas intervenções, e as respostas generosas que suscitam, mostrarão toda a sua importância quando ficarem patentes no último dia. Esforcemo-nos por olhar todos os acontecimentos e circunstâncias como o nosso Padre, com **olhos de eternidade**.

Mas, além disso, Nossa Senhora não poupa – assim o quer Deus – as suas intervenções em favor das pessoas, sobretudo nas épocas da história em que os homens estão mais necessitados. Guadalupe, Lourdes, Fátima..., e outras manifestações marianas reconhecidas pela Igreja, são só uma pequena amostra da solicitude de Maria, que se derrama sobre os seus filhos indigentes; Ela é a boa Mãe que usa todos os recursos para nos levar ao arrependimento, para nos conduzir novamente a Cristo, para nos introduzir mais na intimidade divina.

No dia 13 de maio, recordamos uma dessas manifestações: a primeira aparição da Santíssima Virgem Maria em Fátima. Que ressoe nos nossos ouvidos a mensagem de oração, de conversão, de reparação pelos pecados, que com tanta força se difunde daquele santuário mariano. Como é lógico, agradeçamos especialmente a proteção que Nossa Senhora dispensou ao Papa João Paulo II, salvando a sua vida por ocasião do atentado de 13 de maio de 1981. E recordemos também, com agradecimento, as muitas vezes que São Josemaria se prostrou diante dEla na *capelinha*, impetrando o seu auxílio maternal para a Igreja, para a Obra, para todas as almas. Repetiu frequentemente que aquele lugar era o seu “refúgio”.

Falei de Lourdes – comemora-se este ano o 150º aniversário das aparições – e vêm à minha memória as vezes em que o nosso Fundador recorreu à nossa Mãe

naquele recanto dos Pireneus. Peço-lhe que todos os fiéis do Opus Dei e as pessoas que se aproximam dos nossos apostolados cultivem, tal como São Josemaria, o desejo de crescer diariamente em amor e devoção à Virgem Santíssima.

A invocação de Nossa Senhora de Guadalupe, tão unida à evangelização do Novo Mundo, está muito presente também na história mariana do Opus Dei. Nos próximos dias recordaremos a novena de São Josemaria a Nossa Senhora, na Basílica da cidade do México, de 16 a 24 de maio de 1970, que foi a razão principal da sua primeira viagem ao continente americano. Tive a felicidade – considero-a uma graça muito especial de Deus – de acompanhar o nosso Padre na sua oração pela Igreja e pela Obra. Anos mais tarde, em fins de abril de 1983, voltei a Guadalupe, desta vez acompanhando o queridíssimo D. Álvaro, para dar graças a Nossa Senhora por ter escutado a ardente oração do nosso Padre.

São inumeráveis os ensinamentos que podemos tirar daqueles dias de 1970. Convido-vos agora a considerar a grandeza de coração do nosso Fundador. Recordo muito bem o último dia da novena, 24 de maio. Como nos outros dias, rezamos o Rosário. Antes dos mistérios gloriosos, São Josemaria animou-nos a pedir pelas necessidades do mundo inteiro. A Europa, a Ásia, a África e a Oceania passaram diante dos nossos olhos através das palavras do nosso Padre, enquanto deixávamos nas mãos benditas de Nossa Senhora as necessidades, preocupações e ânsias dos milhões de pessoas que enchem a terra. Imitemo-lo neste anseio de estender os frutos da Redenção de Cristo por todos os lugares e entre todas as pessoas.

O dia 31 de maio é também festa da nossa Mãe. Mal o Arcanjo Gabriel lhe comunicou o próximo nascimento de São João Batista, *levantou-se Maria e foi com pressa às montanhas, a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel* [8]. Já tendes na imaginação a cena que contemplamos todos os dias no segundo mistério gozoso do terço: a chegada de Maria, as palavras de Isabel, os saltos de júbilo de São João Batista ainda não nascido... Depois ficou em casa da sua prima uns três meses, para ajudá-la em tudo o que fosse preciso. Quanto pode a presença de Maria! Comentando este fato, Santo Ambrósio escreve: “Se a sua simples entrada [naquela casa] produziu um efeito tão grande que, com a saudação de Maria, o menino saltou de alegria no seio materno e a mãe ficou cheia do Espírito Santo, em quanto avaliaremos os efeitos da presença de Maria durante tanto tempo?” [9].

Podemos aplicar à nossa resposta ao Senhor as palavras deste Padre e Doutor da Igreja. Se nos esforçarmos por estar muito perto da Virgem Santíssima, neste mês de maio e sempre, quantas graças não se derramarão sobre as nossas almas! Entre outras, a grande alegria de nos sentirmos amigos e filhos de Deus.

A presença da Virgem Maria em cada um dos nossos dias converte-se na melhor escola de oração. Dizia-o o Papa Bento XVI há uns meses. “São Lucas diz-nos duas vezes que Nossa Senhora «guardava todas estas coisas e as meditava no seu coração” (Lc 2, 19; cfr. 2, 51). Era uma pessoa em colóquio com Deus, com a palavra de Deus, e também com os acontecimentos através dos quais Deus lhe falava. O *Magnificat* é um «tecido» feito de palavras da Sagrada Escritura e mostra-nos como Maria viveu em colóquio permanente com a palavra de Deus e, assim, com o próprio Deus [...]. Aprendamos de Maria a falar pessoalmente com o

Senhor, ponderando e conservando na nossa vida e no nosso coração a palavra de Deus, para que se converta em verdadeiro alimento para cada um. Deste modo, Maria guia-nos numa escola de oração, num contacto pessoal e profundo com Deus” [10].

Antes de acabar, quero pedir-vos que rezeis pelos fiéis do Opus Dei que vão receber a ordenação sacerdotal em Roma, no próximo dia 24. Que Nosso Senhor, por intercessão da sua Santíssima Mãe, os faça santos, doutos e alegres.

No mês que acaba de passar, fiz duas breves viagens, uma à Inglaterra e outra à Áustria, para alentar os fiéis e cooperadores da Prelazia no seu trabalho apostólico a serviço da Igreja. Com a viva recordação do nosso Padre e de D. Álvaro, fui rezar a Nossa Senhora de Willesden, em Londres, e a Maria Pötsch, em Viena. Também nesses lugares – como em Aparecida, Luján, Lo Vásquez, etc. –, São Josemaria colocou toda a Obra sob o manto de Nossa Senhora. Aprendamos a seguir este caminho de auxílio seguro.

Em Viena, prolongando a oração de São Josemaria em 1955, recorri à *Stella Orientis* pedindo a sua ajuda para a tarefa apostólica que já estamos realizando em bastantes países do centro e do leste da Europa, antes submetidos ao comunismo, e nos outros que esperam por nós: Romênia, Bulgária, Ucrânia, Bielorrússia... Pensas acompanhar todos os que, no mundo, recorrerem a Nossa Senhora fazendo romarias? Que dirás às pessoas que te rodeiam sobre a grandeza de Nossa Senhora e sobre a sua onipotência suplicante? Pensaste no modo de dirigir o teu olhar com mais afeto para as suas imagens? Rezarás com mais piedade as Ave-Marias?

Normalmente, no dia 1º de maio comemora-se a festa de São José Operário. Dirijo-me ao Santo Patriarca para que nos ensine a ter com a sua Esposa virginal muitas delicadezas ao longo das próximas semanas e sempre.

Com todo o afeto, abençoa-vos

o vosso Padre

† Javier

Roma, 1º de maio de 2008.

[1] São Josemaria, *Santo Rosário*, segundo mistério glorioso.

[2] Cfr. Mc 16, 14.

[3] Cfr. Mt 28, 19-20; Mc 16, 15.

[4] Cfr. Jo 14, 15-18; Mt 28, 20.

[5] São Josemaria, *Santo Rosário*, segundo mistério glorioso.

[6] 2 Cor 2, 15.

[7] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 139.

[8] Lc 1, 39-40.

[9] Santo Ambrósio, *Exposição do Evangelho de São Lucas*, 2, 29.

[10] Bento XVI, *Encontro com sacerdotes em Roma*, 22.02.2007.

[Voltar ao índice](#)

Carta do Prelado (maio 2009)

Caríssimos: que Jesus guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Este mês de maio transcorre inteiramente dentro do Tempo Pascal. A alegria da Ressurreição de Jesus Cristo preenche a vida da Igreja, na Terra e no Céu. É esse *gaudium cum pace* que todas e todos nós já experimentamos.

Como é natural, nestas semanas contemplamos Nossa Senhora, Mãe de Jesus e Mãe nossa, elevada ao Céu em corpo e alma, e podemos vê-la *na alegria e na glória da Ressurreição. As lágrimas derramadas ao pé da Cruz transformaram-se num sorriso que jamais se apagará, embora permaneça intacta a sua compaixão materna por nós. Atesta-o a intervenção da Virgem Maria em nosso socorro ao longo da história e não cessa de suscitar por Ela, no povo de Deus, uma confiança inabalável: a oração Memorare (“Lembrai-Vos”) exprime muito bem este sentimento. Maria ama cada um dos seus filhos, concentrando a sua atenção de modo particular naqueles que, como o seu Filho na hora da Paixão, se encontram mergulhados no sofrimento. Ama-os, simplesmente porque são seus filhos, por vontade de Cristo na Cruz* [1].

Meditemos nestas palavras do Papa para aprofundarmos sobre as razões da nossa devoção a Nossa Senhora e dar-lhe um novo esplendor. As razões são claras: Maria é Mãe de Deus e Mãe nossa. Por isso, é necessário cultivar uma ardente e terna devoção mariana, solidamente fundamentada na Revelação divina exposta pelo Magistério da Igreja. O queridíssimo D. Álvaro recordava-o numa carta que escreveu em 1987. Dizia-nos, considerando que a missão maternal de Maria corresponde a um desígnio de Deus bem determinado: « É um fato inegável que, naqueles lugares em que a Igreja se estabelece, pela graça de Cristo e pela correspondência tenaz e sacrificada dos evangelizadores, a Mãe da Igreja está presente (...). Como consequência, nasce e desenvolve-se a gratidão a Santa Maria, e assim surge a fecunda planta da devoção mariana. Os templos e santuários que, como estrela luminosa, povoam a geografia dos países em que a fé se enraíza, são dela um claro testemunho que dá à existência dos cristãos uma dimensão de família que só a Santíssima Virgem é capaz de suscitar» [2].

Que grande verdade! Os cristãos formamos uma família - a Santa Igreja - na qual Jesus Cristo é o primogênito entre muitos irmãos [3], e onde não falta a presença da Mãe, Maria Santíssima. Jesus indica-nos o caminho que é preciso percorrer para chegarmos à santidade, à plena identificação com Ele. E a Virgem Maria anima-nos, ao longo desta peregrinação, a alcançar a meta: a vida eterna com Deus e com todos os anjos e santos.

A arte cristã mostra-o de forma gráfica quando oferece à nossa veneração a imagem de Maria com o Menino nos braços. Com a sua atitude, com o seu olhar, a nossa Mãe parece sugerir-nos: “olha para o meu Filho, o teu Irmão mais velho e segue, em tudo, o Seu exemplo; anda por onde Ele andou; fomenta no teu coração

as ânsias Redentoras do Seu Coração; compadece-te dos teus irmãos e irmãs, como Ele se compadeceu de todos”.

Nos próximos dias, milhares e milhares de pessoas irão em peregrinação aos mais variados lugares onde se venera a Santíssima Virgem, com o desejo de encontrar Jesus de novo, de se parecerem mais com Ele, seguindo o convite de S. Josemaria às suas filhas e filhos no Opus Dei, e a muitas outras pessoas. A **Romaria de Maio** aparece-nos já como uma alegre realidade em todas as latitudes, que vivemos sem ruído, seguindo os passos do nosso Fundador na sua primeira Romaria, em 1935. **Respeito e amo essas outras manifestações públicas de piedade, mas pessoalmente prefiro tentar oferecer a Maria o mesmo afeto e o mesmo entusiasmo através de visitas pessoais ou em pequenos grupos, com sabor de intimidade** [4].

Muitas vezes, pomos como meta dessa peregrinação um lugar próximo da nossa casa, talvez na cidade onde vivemos ou nos arredores. Noutros casos - penso, por exemplo, nos doentes e em pessoas com outras dificuldades -, nem sequer será possível sair de casa, e, contudo, também estes podem realizar a **Romaria de Maio** a Nossa Senhora. Porque o importante não é o deslocamento físico de um lugar para outro, mas a viagem interior da alma, que nos leva a colocar-nos mais perto de Maria e, portanto, mais perto de Jesus.

O Papa João Paulo II salientava que, nos locais marianos espalhados pelo mundo, se nota uma especial presença da Mãe. Sabemos que esses lugares são incontáveis e de uma enorme variedade: desde os oratórios em casas particulares e em nichos de ruas, em que a imagem da Mãe de Deus aparece luminosa, até às capelas e igrejas construídas em sua honra. Todavia, saltam à vista os lugares em que os homens sentem especialmente viva a presença da nossa Mãe: os santuários marianos. «Em todos estes lugares se realiza de maneira admirável aquele testamento singular do Senhor Crucificado: aí, o homem sente-se entregue e confiado a Maria e vem para estar com Ela, como se está com a própria Mãe. Abre-lhe o seu coração e fala-lhe de tudo: “recebe-a em sua casa”, ou seja, põe-na a par de todos os seus problemas» [5].

Os fiéis recorrem a Maria naqueles lugares com o desejo de encontrarem o fortalecimento «da fé e os meios de alimentá-la. Procuram os Sacramentos da Igreja, sobretudo a reconciliação com Deus e o alimento eucarístico. E voltam revigorados e agradecidos à Senhora, Mãe de Deus e Mãe nossa» [6].

Todos guardamos como um tesouro esta experiência. Quem não experimenta uma maior proximidade de Deus depois de ter visitado Nossa Senhora com o espírito de oração e de penitência que o nosso Padre nos ensinou? Quem não tocou já a eficácia deste recurso a Maria: para reavivar a fé de alguém que precisava, para o ajudar a estar mais perto de Deus, para abrir horizontes mais amplos a quem resistia a aceitar o chamamento do Senhor a uma entrega generosa? Jesus Cristo quer que a Sua graça nos chegue por meio de Maria. **Por isso, não é indiferente deixar de ir aos santuários que o amor dos seus filhos lhe levantou. Não é indiferente passar diante de uma imagem sua sem lhe dirigir uma afetuosa saudação. Não é indiferente que deixemos passar o tempo, sem lhe cantarmos essa amorosa serenata do Santo Rosário, canção de fé, epitalâmio da alma que, por meio de Maria, encontra Jesus** [7]. Começamos já a perguntar-

nos: em que posso melhorar ao olhar para as imagens da nossa Mãe? Como saborear cada Ave-Maria, a Salve-Rainha, o Regina Coeli? A quem me proponho falar do amor de Maria e a Maria?

Estas e outras devoções marianas podem dar relevo e cor ao mês de maio. O essencial é aproximar-se cada vez mais de Jesus Cristo pela senda que a Sua Santíssima Mãe nos mostra. Cada encontro com Nossa Senhora é um convite a olhar para Cristo. Como dizia Bento XVI num santuário mariano: *para o homem em busca, este convite transforma-se sempre de novo num pedido espontâneo, um pedido que se dirige em particular a Maria, que nos deu Cristo como seu Filho: “Mostra-nos Jesus!”. Assim rezamos hoje com todo o coração. E assim rezamos também, para além deste momento, interiormente, em busca do Rosto do Redentor. “Mostra-nos Jesus!”. Maria responde, apresentando-O diante de nós, antes de mais, como Menino. Deus fez-se pequenino para nós [8].*

Detenhamo-nos mais uma vez nas frases que S. Josemaria escreveu, pelos anos 30 do século passado, que ajudaram milhares de pessoas a meter-se por caminhos de contemplação na vida corrente: **se tens desejos de ser grande, faz-te pequeno (...). O princípio do caminho, que tem por fim a completa loucura por Jesus, é um confiado amor a Maria Santíssima.**

- Queres amar a Virgem? - Pois então conversa com Ela! - Como? - Rezando bem o Rosário de Nossa Senhora [9].

A meditação atenta, interiorizada, e o rezar dos mistérios do Terço fazem desfilar diante dos nossos olhos os momentos centrais da vida de Jesus e de Maria. Assim se torna mais fácil avançar pelo caminho que conduz ao Céu, retificando o rumo, se necessário, mostrando aos que nos acompanham o atalho seguro que termina na felicidade eterna. Ao admirar estas cenas, compreendemos «que, a partir do “fiat” da humilde Serva do Senhor, a humanidade inicia o retorno a Deus e, na glória da Toda Santa, vê a meta da sua caminhada» [10].

Podemos ainda cuidar outros detalhes de afeto à Virgem Maria. Detenho-me de novo num hábito próprio de gente apaixonada, e que S. Josemaria difundiu por todo o lado: cumprimentar carinhosamente as imagens de Nossa Senhora que vemos em cada dia — numa rua ou praça, no interior de uma igreja, num cômodo da nossa casa... — fazendo acompanhar esse olhar de alguma jaculatória, como expressão bem pessoal do nosso amor filial. O nosso Padre fazia isso e esforçava-se particularmente por saudar as imagens de Nossa Senhora dos lugares onde trabalhava ou morava. Eram demonstrações do seu carinho filial em que refletia o que levava na alma: olhares dolorosos, agradecidos ou suplicantes — conforme as circunstâncias — mas sempre expressões de amor verdadeiro.

Aconselhava também a usar na carteira ou no bolso uma imagem da Virgem Maria — como se usam fotografias das pessoas queridas — para a ter sempre muito presente e lhe dirigir expressões carinhosas. Sentia a alegria de ter contribuído para semear o mundo de representações marianas. **No Opus Dei — dizia — mostramos sempre o nosso amor a Nossa Senhora espalhando milhões de imagens suas por todo o mundo, promovendo práticas de piedade mariana em todos os Continentes: na Europa, na Ásia, na África, na América e na Oceania: encaminhando por aí a juventude, com liberdade. Sem liberdade,**

não.

Mas tudo isto é natural: como não havemos de amar a Mãe de Deus, que é nossa Mãe? Se precisamos dela, ainda por cima! Eu preciso dela. Tal como uma criança pequena, quando tem medo do escuro da noite, grita “Mamãe!”, assim tenho eu que clamar muitas vezes com o coração, sem ruído de palavras: “Mãe, mamãe, não me abandones!”

A vida interior é assim: naturalidade, simplicidade. Eu não sei viver de outra maneira: tenho que viver como homem. E diante de Deus, que é eterno, sou uma pequena criatura que nada vale [11].

Há umas palavras de um Salmo que a Liturgia aplica à Santíssima Virgem. *O Salmista, vislumbrando de longe este vínculo materno que une a Mãe de Cristo e o povo crente, profetiza a respeito da Virgem Maria: “Os grandes do povo procurarão o teu sorriso” (Sl 44, 13). E assim, solicitados pela Palavra inspirada da Escritura, sempre os cristãos procuraram o sorriso de Nossa Senhora, aquele sorriso que os artistas, na Idade Média, tão prodigiosamente souberam representar e engrandecer. Este sorriso de Maria é para todos: no entanto, dirige-se de modo especial para os que sofrem, a fim de que nele possam encontrar conforto e alívio. Procurar o sorriso de Maria não é uma questão de sentimentalismo piegas ou antiquado, é antes a justa expressão da relação viva e profundamente humana que nos liga Àquela que Cristo nos deu por Mãe [12].*

Confiemos a Nossa Senhora todas as pessoas que sofrem, na alma ou no corpo: os doentes, os que se sentem abandonados, os que foram afetados por calamidades naturais, os que sofrem perseguição e violências de todo o tipo... Ninguém deve ficar fora da nossa oração.

Rezemos especialmente — vo-lo recordo todos os meses, porque é uma necessidade sempre atual — pela Pessoa e pelas intenções do Papa. Agora, pelos frutos da sua viagem à Terra Santa, de 8 a 15 deste mês. Rezai também pelos fiéis da Prelazia que vão receber a ordenação sacerdotal no dia 23, véspera da solenidade da Ascensão, que se celebra, em muitos países, no domingo, dia 24. Peçamos ao Espírito Santo, por ocasião da próxima festa de Pentecostes, no último dia de maio, que derrame copiosamente os seus dons sobre a Igreja e sobre o mundo, e que disponha os corações de todos para recebê-los.

Regressei há dias de uma viagem ao Japão e a Taiwan onde, mais uma vez, comprovei como o espírito do Opus Dei se enraíza em pessoas de todas as raças e culturas. Nos dois países, além de me saber acompanhado por todas e por todos, e de rezar convosco, filhas e filhos, tive duas alegrias muito especiais, entre muitas outras. Em Nagasaki, a visita a Oura, o santuário onde se veneram os mártires daquela terra e se mantém viva a lembrança amorosa dos que conservaram a fé, apesar da dura perseguição. Em Taipé, pude assistir à Exposição e Bênção do Santíssimo Sacramento com o templo cheio de fiéis: tínhamos entrado na igreja onde estava uma imagem da Virgem peregrina e deparamo-nos com esse ato eucarístico. Num e noutro lugar surgia naturalmente a ideia de que temos de levar Jesus, com Maria, até o último recanto do mundo. Dai comigo graças à Santíssima Trindade, fonte de todos os bens, e à nossa Mãe, a Virgem Maria: pela sua mediação, recebemos todas as graças. E também a S. Josemaria — no dia 17 é o

aniversário da sua beatificação —, por ter sido instrumento fidelíssimo do Senhor para realizar tão abundante sementeira de santidade, de doutrina e de caridade em toda a Terra.

Com todo o afeto, abençoa-vos

o vosso Padre

+ Javier

Roma, 1 de maio de 2009

[1] Bento XVI, *Homilia no Santuário de Lourdes*, 15-IX-2008. ([consultar texto](#))

[2] D. Álvaro, *Carta*, 31-V-1987, n. 8.

[3] Cf. *Rm* 8, 29. ([consultar texto](#))

[4] S. Josemaria, *É Cristo que Passa*, n. 139. ([consultar texto](#))

[5] João Paulo II, *Homilia no Santuário de Fátima*, 13-V-1982. ([consultar texto](#))

[6] João Paulo II, *Homilia no Santuário da Aparecida*, 4-VII-1980. ([consultar texto](#))

[7] S. Josemaria, *La Virgen del Pilar*, texto publicado em “Libro de Aragón”, Saragoça 1976.

[8] Bento XVI, *Homilia no Santuário de Marizell*, 8-IX-2007. ([consultar texto](#))

[9] S. Josemaria, *Santo Rosário*, Prólogo. ([consultar texto](#))

[10] Paulo VI, Exort. Apost. *Marialis Cultus*, 2-II-1974, n. 28. ([consultar texto](#))

[11] S. Josemaria, apontamentos tomados em uma tertúlia, 7-IV-1974.

[12] Bento XVI, *Homilia no Santuário de Lourdes*, 15-IX-2008. ([consultar texto](#))

[Voltar ao índice](#)

Carta do Prelado (maio 2010)

Caríssimos: que Jesus guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Começamos este mês dedicado especialmente a Nossa Senhora, dentro do ano mariano que estamos celebrando na Obra. O nosso coração e o nosso pensamento vão imediatamente para Santa Maria, Mãe de Deus e Mãe nossa, para agradecer-lhe os inumeráveis favores que recebemos constantemente por sua intercessão. Conhecemos alguns deles e de outros não temos consciência; mas nada mais certo que, para honrar mais a sua Mãe, Deus quer dar-nos os tesouros da sua graça servindo-se da Santíssima Virgem, sempre em estreita união e dependência do seu Filho. «A mediação materna de Maria não faz sombra à única e perfeita mediação de Cristo», explicava João Paulo II ao comentar alguns textos do Concílio Vaticano II. Pelo contrário – acrescentava –, «longe de ser um obstáculo ao exercício da única mediação de Cristo, Maria põe em evidência a fecundidade e a eficácia dessa mediação» [1].

Nestes dias, agradecemos-lhe concretamente – perdoai-me o inciso – a ordenação sacerdotal de 32 irmãos vossos, a quem conferirei o presbiterado no próximo dia 8, na Basílica de Santo Eugênio. Peçamos a Nossa Senhora por eles e por todos os sacerdotes.

A história da espiritualidade cristã está repleta de exemplos que manifestam a proteção maternal de Nossa Senhora sobre os seus filhos, a quem Ela assiste com graças especiais. A mais antiga oração mariana, o *Sub tuum praesidium*, que São Josemaria tanto repetiu, remonta ao século III e exprime esta confiante certeza: «À vossa proteção nos acolhemos, santa Mãe de Deus, não desprezeis as súplicas que em nossas necessidades vos dirigimos, mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita» [2].

Todos nós temos experimentado na nossa vida a presença benfazeja de Santa Maria, que quer aproximar-nos da intimidade do Senhor. Por esta razão e porque Ela o merece – não há criatura mais digna que a Virgem: mais que Ela só Deus –, jamais agradeceremos suficientemente o seu zelo por nós nem a louvaremos como seria devido. Assim se expressava São Josemaria, em continuidade com a tradição cristã. ***A teologia concebeu nos séculos passados uma sentença que resume o amor dos cristãos à Mãe de Deus: De Maria, nunquam satis; nunca poderemos exceder-nos em falar e escrever sobre a dignidade daquela que deu a sua carne e o seu sangue à Segunda Pessoa da Santíssima Trindade***[3].

Estas razões constituem o fundamento da piedade mariana, que floresce de modo mais evidente pelo mundo nestas semanas. No nosso caso, acrescentam-se vários motivos específicos, que nos convidam a tratar a nossa Mãe com especial afeto. Refiro-me a dois aniversários que recaem neste mês: o da primeira romaria do nosso Padre – a Sonsoles, em 1935 – e o da sua novena diante de Nossa Senhora de Guadalupe, em 1970. A grata evocação destes acontecimentos, que já pertencem à

história do Opus Dei, impele-nos a considerar que – como indica Bento XVI – **com a Encarnação do Filho de Deus, a eternidade entrou no tempo [...]. O tempo foi, por assim dizer, “tocado” por Cristo, o Filho de Deus e de Maria, e dele recebeu significados novos e surpreendentes: converteu-se em tempo de salvação e de graça** [4]. Por isso, conclui o Papa, temos que **pôr as diversas vicissitudes da nossa vida – grandes ou pequenas, simples ou indecifráveis, alegres ou tristes – sob o sinal da salvação e acolher a chamada que Deus nos faz para nos conduzir a uma meta que se encontra para além do tempo: a eternidade** [5].

As duas datas da nossa história a que desejo referir-me manifestam muito claramente essa *entrada* de Deus na história dos homens e, concretamente, na história desta porção da Igreja que é o Opus Dei.

Em 2 de maio de 1935 – amanhã completam-se 75 anos –, São Josemaria deu início ao costume da *Romaria de maio*, da qual provieram tantos frutos espirituais. Desde aquela data, milhões de pessoas aprenderam a levar a Nossa Senhora o seu afeto filial com sabor de intimidade. Sugiro-vos que nos esforcemos mais neste mês por fazer com que muitos dos nossos amigos nos acompanhem nessas visitas marianas. Desejamos dar graças a Nossa Senhora pelos seus desvelos para com a Igreja e para com cada um dos seus filhos.

O relacionamento habitual com Nossa Senhora é prova clara de que uma alma respira um ambiente cristão. Talvez haja falhas no nosso caminhar – ninguém é perfeito na terra –, mas quem reza à Virgem Maria com perseverança, recitando talvez as orações que aprendeu na infância, sem abandoná-las, demonstra que há no seu coração uma lufada de ar cristão, e a nossa Mãe o ajudará: agora e – como rezamos na Ave-Maria – também na hora da morte.

Desejemos contagiar os outros com o amor filial a Santa Maria. Convidar os nossos conhecidos, amigos, parentes a acompanhar-nos na Romaria de maio pode ajudá-los a descobrir a alegria e a paz que a nossa Mãe derrama na alma daqueles que se reconhecem como seus filhos. Oxalá muitas mulheres e muitos homens adquiram o costume de rezar diariamente o terço. Vencemos com decisão os respeitos humanos à hora de iniciar essas conversas? O amor a Maria incita-nos a querer o bem das pessoas?

Neste mês, há outro aniversário muito significativo para a nossa família: os quarenta anos da viagem do nosso Padre ao México para rezar diante de Nossa Senhora de Guadalupe. Lembro-me da surpresa e alegria dos que estávamos fisicamente ao seu lado no dia 1º de maio de 1970, quando anunciou que decidira fazer essa viagem. Pediu imediatamente que se fizessem os trâmites necessários e, na madrugada de 15 de maio, chegou a terras mexicanas. Movido pelo seu amor à Igreja, ao Papa e às almas, desejava pôr nas mãos de Nossa Senhora as intenções que trazia no coração. Explicava-o assim: ***O que é que o Padre pede? O Padre pede, aos pés da Nossa Mãe Santa Maria, Onipotência suplicante, pela paz do mundo, pela santidade da Igreja, da Obra e de todas as suas filhas e filhos*** [6].

Já durante o voo à América, notava-se o intenso recolhimento do nosso Fundador. E mal chegou à Cidade do México, embora fossem três horas da manhã,

manifestou o desejo de ir imediatamente rezar diante da Virgem de Guadalupe. Não foi possível, porque a essa hora a basílica já estava fechada. Mas tão logo os médicos e os seus filhos lhe disseram já ter passado o tempo para que se adaptasse à altitude e ao fuso horário locais, dirigiu-se à *Vila*, acompanhado de vários dos seus filhos. Foi a primeira visita que fez na Cidade do México. Depois de cumprimentar Jesus Sacramentado no sacrário, ajoelhou-se no presbitério e ficou absorto em oração durante uma hora e meia, aproximadamente. Ao longo desse tempo, a igreja foi ficando repleta de filhas e de filhos do nosso Padre, de cooperadores, de amigos, que desejavam rezar unidos ao nosso Fundador.

Como aquela oração se prolongava, o pe. Pedro Casciaro, que era naquela altura o Vigário da Obra no México, avisou o nosso Fundador sobre o que se passava. E como o nosso Padre fugia de “dar espetáculo”, interrompeu a sua conversa diante da imagem de Guadalupe e pediu que se encontrasse uma maneira de evitar que esse pequeno inconveniente se repetisse. A partir do dia seguinte até o fim da sua novena, São Josemaria situou-se numa pequena tribuna da basílica, que era um pouco incômoda, mas tinha a vantagem de estar situada a meia altura, bastante perto da imagem de Nossa Senhora e fora do raio de visão das pessoas. Ali São Josemaria pôde dirigir-se à Virgem de Guadalupe com enorme confiança, falando com Ela em voz alta para lhe manifestar as necessidades do seu coração. Graças a Deus, pudemos tomar nota do que disse naqueles momentos de conversa com Nossa Senhora, dos quais além disso convidava a participar os que nos encontrávamos no mesmo lugar.

Foi uma oração filial intensíssima, de completo abandono na Vontade de Deus e, ao mesmo tempo, insistente, como a oração de uma criança pequena e confiante. Em 17 de maio, o primeiro dia em que fez a novena na tribuna, após alguns minutos recolhido em meditação pessoal, sugeriu que rezássemos juntos as três partes do Rosário, fazendo uma pausa silenciosa ao final de cada mistério. No fim, leu algumas passagens do Evangelho em que o Senhor insiste na necessidade da oração de petição. Recolho aqui apenas algumas palavras dessa oração, que já tereis lido e meditado – ao menos em parte – em outras ocasiões.

Diz-nos Jesus: tudo o que pedirmos na oração, com fé, Ele no-lo concederá. E não nos falta fé, porque és Tu quem no-la dá, Senhor. Esta promessa, cheia de segurança, nunca deixa de ter valor, porque as suas palavras, as palavras do Senhor, não passam.

Estamos aqui em representação de muitos milhares de almas, e viemos pedir, pedir como uma criança pequena que está persuadida de que tem de ser atendida. Pedimos como uma criança pequena, como uma família pequena, e quero que a Obra seja sempre assim: uma pequena família muito unida, embora estejamos espalhados por toda a parte. E pedimos-te exigindo, servindo-nos da intercessão da tua Mãe, sabendo que tens de escutar-nos.

Iterum dico vobis – *diz-nos São Mateus* – quia, si duo ex vobis consenserint super terram, de omni re quamcumque petierint fiet illis a Patre meo qui in cælis est (*Mt 18, 19*). *Rezamos numa oração de petição, unidos ao povo que está agora aqui, ao sacerdote que celebra a Missa, ao culto que se dá à tua Mãe. Assim te rezamos nós, e assim te rezam, com muitíssima fé e com a esperança de que Tu nos ouves, pessoas de todos os caminhos da terra. É uma oração contínua de almas de todas as*

condições, de todas as raças, de todas as línguas. A oração delas é a nossa oração, e a Ti, Senhor, dirigimos, por meio da tua Mãe, uma petição constante.

Com estas palavras, dou-vos pé para que sintais a responsabilidade de continuar a instar com o Senhor, mesmo quando a alma está seca e se vê em dificuldade para praticar este diálogo com Ele. Apesar das nossas fraquezas, de não sabermos o que dizer, basta que queiramos falar com Ele para que a oração se faça realidade, e assim conseguiremos aquilo de que necessitamos [7].

Filhas e filhos meus, detenhamo-nos um instante a pensar se nós, nestes momentos e sempre, prolongamos a petição do nosso Padre, bem unidos à sua oração – que no Céu se fez perene – pela Igreja e pela Obra. Pouco importa se às vezes nos sentimos áridos, secos!, parecendo que o nosso coração não acompanha os nossos momentos de meditação ou de oração vocal. Assim o fazia notar São Josemaria: ***Não vos preocupeis, insisto, se não tendes fervor, se vos custa entrar em oração. Somos como sentinelas que cumprem um dever; como soldados, mas também como filhos. Se não sabemos o que dizer, mas sabemos que temos de fazer a oração, fazemos a oração, como soldados; mas como filhos, com fé. Recordamos-lhe agora, ainda que seja apenas com a boca, que Ele cumpra a sua palavra, que nós pedimos para que Ele nos atenda: é uma exigência, mas uma exigência de filho, que dirigimos ao Pai valendo-nos da promessa do seu Filho. E, naturalmente, recorreremos à nossa Mãe, à sua intercessão onipotente: Mãe, atende-nos!***[8].

Penso que todos nós desejamos rezar ou aprender a rezar assim, com a mesma confiança plena e com o mesmo abandono total na nossa Mãe do Céu. Nestes tempos presentes, como vos tenho lembrado tantas vezes, temos de renovar constantemente a petição pela Igreja, pelo Papa e pelos seus colaboradores; pelos Bispos, pelos sacerdotes e por todo o povo de Deus. Procuremos apresentar estas intenções a Nossa Senhora nas romarias deste mês de maio, com muita intensidade. Achas que, se as pessoas com quem te relacionas soubessem do teu amor a Santa Maria, se sentiriam convidadas a amá-la, a refugiar-se sob o seu amparo?

Mas temos que rezar cheios de confiança, com essa fé que é capaz de mover montanhas, como afirmou o Senhor. Continuemos a escutar o nosso Padre naquela primeira oração em voz alta diante da Virgem de Guadalupe. ***Omnia quaecumque orantes petitis, credite quia accipietis, et evenient vobis (Mc 11, 24). Todas as coisas que pedirdes na oração, tende fé de que ireis conseguilas, e vos serão concedidas. Serão concedidas! São palavras que trazem para nós uma certeza. Quem o disse foi o seu Filho; e o seu Filho não pode mentir! E, da nossa parte, é preciso fé. Uma fé que já temos, e é por isso que vimos pedir! Mas, além disso, com essa petição dizemos-lhe: Adauge nobis fidem! (Lc 17, 5). É preciso insistir, uma vez e outra, sempre, tal como fazíamos com as nossas mães quando éramos pequenos. Da mesma maneira! E os que agora estamos aqui pedimos para todos e em nome de todos, também quando nos encontramos pessoalmente em momentos de pouco fervor, quando nos custa começar a falar, a dizer-te o que queremos.***

Omnis enim qui petit accipit, et qui quærit invenit, et pulsanti aperietur (Lc 11, 10). É novamente Jesus Cristo quem fala, conforme São Lucas nos deixou escrito.

Disse-nos isto tão claramente para que não esqueçamos que àquele que pede, dar-se-lhe-á. Portanto, temos de continuar a pedir e temos de atrever-nos a pedir com confiança, exigindo. Foi para isso que viemos aqui; e para isso temos de esforçar-nos, de modo que a nossa oração seja constante, cheia de teimosia. Mãe nossa, fala Tu por nós e faz com que peçamos cada vez mais [9].

Detenho-me aqui, filhas e filhos meus, embora a oração do nosso Padre ainda tivesse prosseguido por longo tempo. Mas não posso deixar de lembrar que, na segunda parte deste mês, celebraremos três solenidades litúrgicas de grande importância: a Ascensão do Senhor, a Vinda do Espírito Santo em Pentecostes e a Santíssima Trindade. Nossa Senhora – se recorrermos a Ela – levar-nos-á a preparar-nos para aproveitar melhor estas festas, tal como fez com os primeiros discípulos de Jesus. Parece-me claro que, após a sua vida escondida e silenciosa, o Senhor quis que Ela estivesse bem presente na manifestação da Igreja no Cenáculo para que os Apóstolos vissem como se ama Jesus e a Trindade.

Os últimos dias do mês de maio devem levar-nos a saborear a fundo a solenidade litúrgica do Pentecostes. Permaneçamos unidos Àquela que é Mãe da Igreja e Templo do Espírito Santo: este será sempre o melhor modo de recebermos os dons e os frutos do Paráclito. E, como sempre, peço-vos que leveis as minhas intenções – nas quais incluo todas e todos vós – a Santa Maria, Intercessora e Onipotência suplicante, para que entremos mais na intimidade de Deus Pai, de Deus Filho e de Deus Espírito Santo.

Com todo o afeto, abençoa-vos

o vosso Padre

†Javier

Roma, 1º de maio de 2010.

[1] João Paulo II, Catequese mariana na audiência geral, 1-10-1997.

[2] Liturgia das Horas, Antífona mariana no final das Completas.

[3] São Josemaria, artigo “La Virgen del Pilar”, publicado postumamente em “Libro de Aragon”, Saragoça, 1976.

[4] Bento XVI, Homilia no final do ano, 31-12-2009.

[5] *Ibid.*

[6] São Josemaria, outubro de 1970.

[7] São Josemaria, Apontamentos da oração na Vila de Guadalupe, 17-5-1970.

[8] *Ibid.*

[9] *Ibid.*

[Voltar ao índice](#)

Carta do Prelado (maio 2011)

Caríssimos: que Jesus guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Ainda sentimos – e sentiremos sempre – o eco da alegria da Igreja: Surrexit Dominus vere et apparuit Simoni [1]: o Senhor ressuscitou realmente e apareceu a Simão. Com esta exclamação cheia de alegria sobrenatural e humana, os Apóstolos recebem no Cenáculo de Jerusalém, no final do dia da primeira Páscoa cristã, dois discípulos que regressavam urgentemente de Emaús, no meio da noite. Cléofas e o seu companheiro comunicaram-lhes que Jesus se lhes tinha mostrado vivo no caminho para aquela aldeia e até se tinha sentado à mesa com eles.

Como compreendemos bem o assombro desses homens, que tinham sido testemunhas da morte ignominiosa do Mestre! Também porque não tinham acreditado no anúncio das santas mulheres que, às primeiras horas da manhã, junto do sepulcro vazio do Senhor, tinham recebido este extraordinário anúncio: *Não tenhais medo. Ide dizer aos meus irmãos que se dirijam à Galileia, pois lá me verão* [2]. No entanto – como Deus é admiravelmente próximo! –, era tão grande o desejo de Cristo de consolar os seus, de lhes devolver a fé e a alegria, que não esperou que se reunissem na Galileia. Naquela mesma noite, entrou na sala em que se encontravam reunidos com as portas fechadas por medo dos judeus [3] e os saudou: *A paz esteja convosco*. Os discípulos *encheram-se de espanto e de medo* – anota São Lucas –, *pensando que viam um espírito. E disse-lhes: Por que vos assustais e por que permitis esses pensamentos nos vossos corações? Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo. Apalpai-me e compreendei que um espírito não tem carne nem ossos como vedes que Eu tenho* [4]. A seguir, pediu-lhes alguma coisa que comer, para que se convencessem firmemente de que era realmente Ele, o bom Mestre, que triunfara sobre o demônio e sobre o pecado, que rompera os grilhões da morte.

Passou a primeira semana da Páscoa, e a Igreja não cessa de meditar com alegria, uma vez e outra, nos textos evangélicos que nos falam da ressurreição de Jesus. Fá-lo com agradecimento e com profunda comoção, cheia de fé na vitória do seu Senhor. Trata-se de um acontecimento singular e único na história da humanidade; de um evento que nos mostra, ao mesmo tempo, o modelo exemplar da ressurreição universal do último dia. Pelo Batismo, fomos incorporados a Cristo e feitos partícipes da sua morte e da sua ressurreição. Mortos para o pecado e ressuscitados para a vida da graça, já caminhamos com uma vida nova, enquanto esperamos a renovação completa do nosso ser. Porque, como escreve São Paulo, *se fomos enxertados nEle por meio de uma morte como a sua, também o seremos por meio de uma ressurreição como a sua* [5].

Uma vez mais, brotam em nós a admiração e o respeito ante a onipotência e a misericórdia de Deus. A ressurreição de Cristo não se limitou ao retorno à vida anterior, como aconteceu com Lázaro, com a filha de Jairo e com o filho da viúva de Naim, a quem o Senhor chamou da morte física prolongando por alguns anos a

sua existência terrena para depois voltarem a morrer. A ressurreição de Nosso Senhor foi radicalmente diferente. **Os testemunhos do Novo Testamento não deixam dúvida alguma de que na “ressurreição do Filho do homem” se passou algo completamente diferente. A ressurreição de Jesus foi um romper os grilhões para ir rumo a um tipo de vida totalmente novo, a uma vida que já não está sujeita à lei do devir e da morte, mas está para além disso; uma vida que inaugurou uma nova dimensão de sermos homens. Por isso, a ressurreição de Jesus não é um acontecimento isolado que poderíamos passar por alto e que pertenceria unicamente ao passado, mas que é (...) um salto qualitativo. Na ressurreição de Jesus, alcançou-se uma nova possibilidade de sermos homens, uma possibilidade que interessa a todos nós e que abre um futuro, um tipo novo de futuro para a humanidade [6].**

Na história do mundo, o anúncio da ressurreição de Cristo é a boa nova por excelência. Para dar testemunho desse fato, os Apóstolos dispersaram-se pela terra depois de vencer todos os seus temores; os mártires foram fortes perante todo o gênero de tormentos e perante a própria morte; muitos confessores e virgens deixaram de lado as ambições e as comodidades daqui de baixo para aspirar com todas as suas energias aos bens eternos; e inumeráveis cristãos correntes, ao longo dos séculos, souberam erguer o seu olhar para o Céu, enquanto trabalhavam com retidão e amor a Deus e aos homens nas coisas da terra.

O caráter peculiar da ressurreição de Cristo reside em que a sua Humanidade Santíssima, com a alma e o corpo novamente reunidos, foi completamente transfigurada na glória de Deus Pai pela força do Espírito Santo, como claramente se percebe nos relatos das aparições aos seus discípulos, sem por isso deixar de ser uma humanidade verdadeira. Encerra algo que certamente ultrapassa a nossa experiência. Esse fato histórico, fundado no testemunho de testemunhas plenamente confiáveis, é, ao mesmo tempo, o objeto fundamental da fé sobrenatural. Como afirmou Santo Agostinho, «não é uma coisa grande crer que Cristo morreu (...). Todos creem que Cristo morreu. A fé dos cristãos consiste na ressurreição de Cristo. Temos como grande verdade crer que Cristo ressuscitou» [7].

Talvez nos tenhamos perguntado alguma vez por que Jesus não se manifestou ressuscitado a todo o mundo, de modo que todos cressem nele. Bento XVI esclarece que **na história de tudo aquilo que tem vida, os começos das novidades são pequenos, quase invisíveis; podem passar despercebidos. O próprio Senhor disse que o “Reino dos céus” neste mundo é como um grão de mostarda, a mais pequena de todas as sementes (cf. Mt 13, 31). Mas traz em si a potencialidade infinita de Deus [8]. E conclui que foi assim que a ressurreição entrou no mundo: somente por meio de algumas aparições misteriosas a alguns escolhidos. E, no entanto, foi o começo realmente novo; aquele que, secretamente, todo [o mundo] vinha esperando [9].**

Com o transcorrer dos séculos, a fé na ressurreição do Senhor foi se estendendo pela terra; lançou raízes em novas culturas, em diversas civilizações, servindo-se da colaboração dos fiéis, membros do Corpo místico que peregrina na terra. Agora – como com tanta força nos insistiu São Josemaria – cabe a ti e a mim, a todos os cristãos, dar testemunho de Cristo com a nossa conduta e com as nossas palavras.

A boa nova da Páscoa requer que as testemunhas trabalhem com entusiasmo e valentia. Todo o discípulo de Cristo, cada um de nós, está chamado a ser testemunha. Este é o mandato preciso, comprometedor e apaixonante do Senhor ressuscitado. A “notícia” da vida nova em Cristo deve resplandecer na vida do cristão, deve estar viva e ativa naquele que a comunica, e deve ser realmente capaz de mudar o coração, toda a existência [10]. Alimentamos diariamente uma fé firme, robusta, no triunfo de Cristo? A consciência de que Cristo realmente ressuscitou cumula-nos de segurança no nosso caminho? Como nos esforçamos por descobri-lo constantemente ao nosso lado, em todas as encruzilhadas do nosso caminhar terreno?

Por tudo isso, *o tempo pascal é tempo de alegria, de uma alegria que não se restringe a esta época do ano litúrgico, mas que habita sempre no coração do cristão. Porque Cristo vive. Não é Cristo uma figura que passou, que existiu num tempo e que se retirou, deixando-nos uma lembrança e um exemplo maravilhosos. Não. Cristo vive. Jesus é o Emmanuel: Deus conosco. A sua Ressurreição revela-nos que Deus não abandona os seus [11].*

Jesus Cristo, além de encontrar-se na glória do Pai, continua presente na Igreja – de modo especial na Eucaristia – e, por meio da graça, no coração de cada cristão. Pelo Batismo, recebemos a vida nova que o Senhor possui em plenitude; os outros sacramentos vão aperfeiçoando cada vez mais essa existência sobrenatural. Somente com a ressurreição da carne é que se cumprirá plenamente nos membros do Corpo místico a plena glorificação de que agora desfrutam a nossa Cabeça, Jesus, e a sua Santíssima Mãe, que também é Mãe nossa. No entanto – como indica o nosso Padre –, já agora ***a fé diz-nos que o homem em estado de graça se encontra endeusado. Somos homens e mulheres, não anjos. Seres de carne e osso, com coração e paixões, com tristezas e alegrias. Mas a divinização repercute no homem inteiro, como uma antecipação da ressurreição gloriosa [12].*** Oxalá brote das nossas almas, de modo constante, uma ação de graças por sabermos que somos filhos de Deus, em Jesus Cristo, pelo Espírito Santo.

Essa antecipação da glória final brilha com luzes mais intensas no rasto deixado pelos santos, especialmente por aqueles que a Igreja nos apresenta como exemplo de virtudes e oferece à nossa veneração. Logicamente, alegramo-nos com o triunfo final desses nossos irmãos e irmãs. Alegria imensa, que surge especialmente hoje, dia 1º de maio, com a beatificação do queridíssimo João Paulo II. Embora a grande maioria de vós não tenha podido vir a Roma para participar desta celebração, todos vós vos sentis – sentimo-nos – muito unidos espiritualmente a esta grande festa de toda a Igreja.

Pudemos conhecer este grande Pontífice, que gastou a sua vida generosamente pelas almas até os seus últimos momentos na terra. Fomos testemunhas da profundidade da sua fé, da firmeza da sua esperança, do ardor da sua caridade, que abraçava todos e cada um de nós. Além disso, no Opus Dei, como vos recordei em várias ocasiões, temos uma grande dívida de gratidão para com o novo Beato; sobretudo porque João Paulo II foi o instrumento de que o Senhor se serviu para conceder-nos a forma jurídica definitiva da Obra e a canonização de São Josemaria. Portanto, é muito natural que nos alegremos especialmente com a sua elevação aos altares e que agradeçamos a Deus o dom que concede à Igreja. Eu

mesmo, no dia 3, celebrarei uma Missa solene de ação de graças. Uni-vos com mais intensidade – se é que é possível – à minha Missa nesse dia, pedindo por todas as intenções que apresentarei a Nosso Senhor por intercessão do novo Beato.

Além disso, começamos o mês de maio. Nestas semanas, a Igreja convida-nos a honrar Santa Maria de modo especial. Sugiro-vos que recorrais à intercessão do nosso Padre e de João Paulo II; peçamos-lhes que nos obtenham – nestes dias imediatamente seguintes à beatificação do Papa – a graça de amar e venerar a Mãe de Deus com todas as nossas forças. Karol Wojtyła, desde muito jovem, ofereceu-se inteiramente a Ela, como exprime o lema que inscreveu no seu escudo episcopal: *Totus Tuus*. São Josemaria também desejava ser súdito absolutamente fiel da Rainha do céu. No dia 28 de dezembro de 1931, ao comentar o costume de uma das comunidades de religiosas do Patronato de Santa Isabel na festa dos Santos Inocentes, escreveu: ***Senhora, nem por brincadeira quero que deixes de ser a Dona e Imperatriz de todas as coisas criadas [13].***

Também nós, que somos – queremos ser – completamente do Senhor, temos de caminhar por essa senda mariana que São Josemaria nos legou como herança. ***Se em alguma coisa quero que me imiteis*** – dizia –, ***é no amor que tenho pela Virgem [14].*** Este mês oferece-nos uma ocasião excelente de fomentar a devoção mariana através da tradicional Romaria de maio. Convidemos os nossos amigos e conhecidos a visitar nestes dias alguma ermida ou santuário de Nossa Senhora, rezando e contemplando os mistérios do Terço. Iremos fazer-lhes um grande bem espiritual, porque ***a Jesus sempre se vai e se “volta” por Maria [15].*** Ide a esse encontro com a devoção com que o nosso Padre foi a Sonsoles. Além disso, como ele nos sugeriu anos mais tarde na novena que fez diante de Nossa Senhora de Guadalupe, no México, levemos à nossa Mãe muitas pequenas rosas, as dos acontecimentos cotidianos.

No dia 14 de maio, véspera do quarto domingo da Páscoa – também chamado do Bom Pastor, em função do Evangelho da Missa –, conferirei a ordenação sacerdotal a 35 diáconos, irmãos vossos. Como sempre vos peço nestas ocasiões, estejamos muito unidos na oração e no oferecimento de algum sacrifício pelos novos presbíteros e pelos sacerdotes do mundo inteiro. Tende especialmente presentes nas vossas orações o Papa e todos os Bispos, para que imitemos sempre o Bom Pastor que deu a vida pelas suas ovelhas [16].

Logo após a Semana Santa, fiz uma viagem rápida à Eslovênia e à Croácia. Em Liubliana e em Zagreb, reuni-me com os fiéis da Prelazia e com muitas pessoas que se beneficiam do espírito do Opus Dei. Dou graças a Deus porque o trabalho apostólico das minhas filhas e dos meus filhos vai lançando raízes firmes nesses dois países, pelos quais o nosso Padre tanto rezou; é-me difícil descrever-vos como amou todas as terras, especialmente aquelas que passavam por algum gênero de dificuldades.

Volto ao começo destas linhas. Surrexit Dominus vere! **Cristo ressuscitado caminha adiante de nós em direção aos novos céus e à nova terra (cf. Apoc 21, 1), em que viveremos por fim como uma só família, filhos do mesmo Pai. Ele está conosco até o fim dos tempos [17].** Escondido sob as aparências do pão e do vinho, de um modo sacramental, ficou na Sagrada Eucaristia para escutar os

nossos pedidos, para consolar-nos e encher-nos de fortaleza. Não nos afastemos da sua companhia, levemo-lo a muitas outras pessoas, para que também eles e elas – perdoai-me o parêntese: com que gratidão D. Álvaro se lembrava da sua primeira Comunhão! – experimentem a alegria de estar com Cristo, de acompanhar Cristo, de viver em Cristo. São tantas as datas de recordações da história da Obra que não posso deter-me nelas: nota-se como Santa Maria tem cuidado de nós! Agradecemos-lhe.

Com todo o afeto, abençoa-vos

o vosso Padre

† Javier

Roma, 1º de maio de 2011.

[1] Lc 24, 34.

[2] Mt 28, 10.

[3] Cf. Jo 20, 19.

[4] Lc 24, 36-39.

[5] Rom 6, 5.

[6] Joseph Ratzinger-Bento XVI, Jesús de Nazaret, II, p. 284.

[7] Santo Agostinho, Comentários aos Salmos, 120, 6 (CCL 40, 1791).

[8] Joseph Ratzinger-Bento XVI, Jesús de Nazaret, II, p. 288.

[9] Ibid.

[10] Bento XVI, Discurso na audiência geral, 7-4-2010.

[11] São Josemaria, É Cristo que passa, n. 102.

[12] Ibid., n. 103.

[13] São Josemaria, Apontamentos íntimos (28-12-1931), n. 517 (cf. A. Vázquez de Prada, O Fundador do Opus Dei, I, p. 377).

[14] São Josemaria, ano de 1954.

[15] São Josemaria, Caminho, n. 495.

[16] Cf. Jo 10, 1-18.

[17] Bento XVI, Mensagem urbi et orbi, 24-4-2011.

Carta do Prelado (maio 2012)

Caríssimos: que Jesus guarde as minhas filhas e os meus filhos.

A chegada do mês de maio traz sempre às nossas almas uma particular alegria. Ao júbilo pascal une-se o começo de umas semanas dedicadas especialmente à Santíssima Virgem, em grande número de países. E como é que os filhos não hão de encher-se de alegria ao notarem de forma especial e com maior proximidade a presença da mãe? É muito lógico que seja assim. Como dizia um antigo escritor eclesiástico, Nossa Senhora, durante a visita a Santa Isabel, “com a sua língua (...) fez brotar para a sua prima, como de uma fonte, um rio de dons divinos. Com efeito, onde quer que chegue a *cheia de graça*, tudo se inunda de alegria” [1].

Hoje, desejaria repassar uma vez mais convosco alguns dos motivos de júbilo e de agradecimento que nos traz este quinto mês do ano. Já no primeiro dia, a festa de São José Operário, comemorada hoje, constitui um momento de autêntico *gaudium* para as mulheres e os homens que, como nós, devem procurar a santificação pessoal e exercer o apostolado no trabalho profissional e por meio dos afazeres quotidianos. Lembro-me da alegria do nosso Padre quando se começou a celebrar esta memória litúrgica, pois – como escreveu numa das suas homilias – ***essa festa, que é uma canonização do valor divino do trabalho, mostra como a Igreja, na sua vida coletiva e pública, se faz eco das verdades centrais do Evangelho, que Deus quer ver especialmente meditadas nos nossos dias***[2].

A festa de São José Operário convida-nos a não esquecer o valor transcendente de uma ocupação profissional honrada, bem cumprida, como a que o santo Patriarca desempenhou durante muitos anos. Como condição imprescindível, é necessário realizá-la com perfeição sobrenatural e humana, isto é, com o desejo de dar glória a Deus e de servir o próximo, independentemente do mérito social que lhe seja atribuído. Quantas vezes ouvi São Josemaria comentar que o valor divino do trabalho humano depende do amor a Deus com que se leva a cabo, do espírito de serviço com que se começa e se termina!

Aproveito esta carta para pedir-vos orações pelos trinta e cinco diáconos da Prelazia a quem administrarei a ordenação presbiteral dentro de quatro dias. Em anos anteriores, cada um destes homens procurava santificar-se e atuar apostolicamente no âmbito da sua profissão civil. Daqui em diante, o trabalho sacerdotal converter-se-á para eles – para exprimi-lo de algum modo – na sua *profissão*, à qual dedicarão todas as horas do dia, com a imensa alegria de saber-se instrumentos do Senhor na aplicação da redenção às almas. Rezemos para que vivam como sacerdotes santos, doutos, alegres e esportistas no terreno sobrenatural, pois assim o desejava São Josemaria: ***sacerdotes-sacerdotes, sacerdotes cem por cento***[3].

Outro motivo de alegria para mim foi a viagem pastoral que fiz na semana

passada aos Camarões, um país que oferece tantas esperanças à Igreja na África e em todo o mundo. E, mais recentemente, os dias que passei em Pamplona por ocasião dos cinquenta anos do começo da Clínica da Universidade de Navarra. Nos dez lustros transcorridos, inúmeras pessoas – médicos, enfermeiras, pessoal administrativo – dedicaram-se a atender os doentes com espírito cristão; e milhares de pacientes recuperaram a saúde, aprenderam a oferecer a Deus os seus sofrimentos, e alguns a própria morte, em estreita união com Jesus Cristo na Cruz. Dou graças a Deus com toda a alma – acompanhai-me vós também –, porque a solicitude de São Josemaria pelos doentes, manifestada nos começos da Obra e mesmo antes, encontrou vazão nesse grande projeto que o nosso Fundador impulsionou pessoalmente, assim como em tantas outras iniciativas similares que foram surgindo ao longo dos anos em diversos países.

Mas, filhas e filhos meus, o mês de maio fala-nos sobretudo da contínua presença da Santíssima Virgem no caminho da Igreja e de cada cristão. Nada mais lógico, portanto, que procuremos obter o maior fruto espiritual e apostólico das próximas semanas.

Em primeiro lugar, detenho-me nesse costume mariano muito querido que é a romaria de maio. Amanhã, dia 2, perfaz-se outro aniversário daquela que São Josemaria fez, indo ao santuário de Nossa Senhora de Sonsoles em 1935, acompanhado por dois dos seus filhos, e dando início a este costume mariano na Obra. A partir de então, a quantos milhares de ermidas e santuários da Santíssima Virgem não se foi piedosamente no mundo inteiro, seguindo os passos do nosso Padre! Peçamos-lhe que saibamos caminhar na romaria com o seu mesmo recolhimento e confiança na nossa Mãe, com o seu mesmo espírito apostólico; e, para este fim, convidemos também algum amigo, colega ou parente a acompanhar-nos nessa manifestação filial de carinho por Nossa Senhora.

A meio do mês, celebraremos tanto a festa de Nossa Senhora de Fátima como o aniversário da novena de São Josemaria a Nossa Senhora de Guadalupe, em 1970: duas datas que nos hão de impelir a cuidar com esmero dos tempos de oração mental e das orações vocais, especialmente do Terço, tão recomendado pela Santíssima Virgem aos três pastorinhos. Sejamos santamente ambiciosos nas nossas intenções apostólicas, suplicando a Maria pela Igreja e pelo Papa; pelos frutos do *Ano da fé* para o qual nos estamos preparando; pela renovação da vida cristã em todo o mundo.

No dia 17, que neste ano coincide com a solenidade da Ascensão do Senhor, é o vigésimo aniversário da beatificação do nosso Padre. Quantas maravilhas da graça nos traz à memória esta data, compartilhada com o Beato João Paulo II e com o queridíssimo D. Álvaro! Que ocasião tão boa para aumentarmos a nossa gratidão a Deus e os nossos propósitos de seguir o exemplo do instrumento fiel que o Céu escolheu para fundar o Opus Dei!

Nas datas seguintes do mês, podemos acompanhar de perto Nossa Senhora na preparação da festa de Pentecostes, que este ano se celebra no domingo, dia 27. São Josemaria incitava-nos a deter-nos nesses dias – ou nos seguintes –, de modo pessoal, na consideração do decenário ao Espírito Santo. É de importância capital que nos mantenhamos muito perto da Santíssima Virgem nesses dias, aprendendo dEla a ter mais intimidade com o Santificador das nossas almas.

Há poucas semanas, considerando a presença de Nossa Senhora no Cenáculo de Jerusalém, com os Apóstolos e as santas mulheres, à espera da vinda do Espírito Santo, Bento XVI fazia notar que **com Maria começa a vida terrena de Jesus e com Maria iniciam-se também os primeiros passos da Igreja** [4]. Deus quis que o seu Filho se encarnasse nas entranhas puríssimas da Santíssima Virgem, e o próprio Senhor no-la deu por Mãe junto da Cruz. Por isso, quando os primeiros discípulos se reuniram no Cenáculo à espera do Consolador prometido, a Virgem Santa encontrava-se entre eles, pedindo “com as suas orações o dom do Espírito, que na Anunciação a tinha coberto com a sua sombra” [5]

O Papa sublinha que **a presença da Mãe de Deus com os Onze, depois da Ascensão, não é, portanto, uma simples anotação histórica de um acontecimento ocorrido no passado, mas assume um significado de grande valor, porque Maria compartilha com eles o que tem de mais precioso: a memória viva de Jesus, na oração; compartilha a missão de Jesus, conservando a memória do seu Filho e conservando assim a sua presença** [6].

Não é difícil imaginar que, no tempo decorrido entre a Ascensão do Senhor e a vinda do Espírito Santo, os discípulos, tendo a seu lado a Mãe de Jesus, ouviriam da sua viva voz e com grande piedade tantas lembranças como as que Ela conservava no seu coração: desde o anúncio da Encarnação até o nascimento em Belém; desde os meses cheios de sobressaltos que se seguiram à perseguição de Herodes até os anos de trabalho e a vida em Nazaré; desde os tempos felizes da pregação e milagres do Senhor durante a vida pública, até as horas tristes da sua paixão, morte e sepultura; e depois a alegria da ressurreição, as aparições na Judeia e na Galileia, as últimas instruções do Mestre... Ao compasso das fortes vivências de Maria, o Espírito Santo ia preparando os Apóstolos e os outros discípulos para a plenitude do Pentecostes.

Que boa escola é o Cenáculo, filhas e filhos meus! Escola de oração, em que Santa Maria sobressai como mestra inigualável. **Mestra de oração**[7], dizia o nosso Padre; e também **Mestra do sacrifício escondido e silencioso**[8]. No Cenáculo, a Santíssima Virgem permanece à escuta das inspirações do Paráclito e ensina os primeiros a ouvir a Deus no recolhimento da oração. **Venerar a Mãe de Jesus na Igreja significa, por conseguinte, aprender dEla a ser comunidade que ora: esta é uma das notas essenciais da primeira descrição da comunidade cristã traçada nos Atos dos Apóstolos (cfr. At 2, 42). É frequente que recorramos à oração em situações difíceis, perante problemas pessoais que nos impelem a dirigir-nos ao Senhor para obter luz, consolo e ajuda. Maria convida-nos a alargar as dimensões da oração, a dirigir-nos a Deus não somente nas nossas necessidades, para pedir por nós mesmos, mas também de modo unânime, perseverante e fiel, com «um só coração e uma só alma» (At 4, 32) [9].**

É uma missão que Nossa Senhora confia aos que desejam ser seus filhos fiéis: ensinar os outros a dirigir-se a Deus em todos os momentos, não apenas nas necessidades peremptórias ou nas situações difíceis. **Para alguns, tudo isto seja familiar; para outros, novo; para todos, árduo. Mas eu—** escreveu São Josemaria – (...) **não cessarei de pregar a necessidade primordial de sermos almas de oração sempre!, em qualquer ocasião e nas circunstâncias mais díspares, porque Deus nunca nos abandona. Não é cristão pensar na amizade divina exclusivamente como um recurso extremo. Pode parecer-nos**

normal ignorar ou desprezar as pessoas que amamos? É evidente que não. Vão constantemente para os que amamos as palavras, os desejos, os pensamentos: há como que uma presença contínua. Pois bem, com Deus também é assim[10].

Foi deste modo que a Virgem Santíssima se comportou sempre. **No Calvário, junto ao patíbulo, reza. Não é uma atitude nova de Maria. Sempre se conduziu assim, cumprindo os seus deveres, ocupando-se do seu lar. Enquanto cuidava das coisas da terra, permanecia pendente de Deus. Cristo (...) quis que também a sua Mãe, a criatura mais excelsa, a cheia de graça, nos confirmasse nessa ânsia de elevar sempre os olhos para o amor divino**[11].

Agora, do Céu, onde vive glorificada em corpo e alma, a Santíssima Virgem segue-nos muito de perto a cada um de nós, cumprindo à letra o encargo que Jesus lhe confiou na pessoa de São João: *Mulher, aí tens o teu filho* [12]. **Encomendemos-lhe todas as fases da nossa existência pessoal e eclesial – aconselha Bento XVI –, entre elas a do nosso trânsito final. Maria mostra-nos a necessidade da oração e indica-nos que somente com um vínculo constante, íntimo, cheio de amor pelo seu Filho, podemos sair da “nossa casa”, de nós mesmos, com valentia, para chegarmos até os confins do mundo e anunciarmos por toda a parte o Senhor Jesus, Salvador do mundo** [13].

Rezamos o *Dominus tecum* da ave-maria com a piedade diária com que o repetia o nosso Padre? Como é que insistimos com a Santíssima Virgem para que nos ajude a aproveitar os dons e os frutos do Espírito Santo?

Continuai muito unidos às minhas intenções, que se resumem numa oração intensa pela Igreja, pelo Papa, pelos sacerdotes e religiosos, pela santidade de todo o povo cristão. Peçamos ao Espírito Santo, recorrendo à intercessão de Nossa Senhora, que suscite em todos nós, pastores e fiéis, o anelo de cumprirmos em todos os momentos a santa Vontade de Deus.

E acompanhai-me na viagem que penso fazer à Eslováquia dentro de poucos dias; para que também ali se difunda cada vez mais o espírito do Opus Dei, semeando em todos os ambientes o amor à Igreja e o desejo de santificar-se e santificar no meio das ocupações ordinárias. Não imaginais com que piedade insistente o nosso Padre pediu por essa terra, em 1968, quando houve uma tentativa de libertar-se do jugo do marxismo.

Com todo o afeto, abençoa-vos

o vosso Padre

+ Javier

Roma, 1º de maio de 2012.

[1] Pseudo Gregório Taumaturgo, *Homilia II sobre a Anunciação*.

[2] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 52.

- [3] São Josemaria, Homilia Sacerdote para a eternidade, 13-4-973.
- [4] Bento XVI, Discurso na audiência geral, 14-3-2012.
- [5] Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium*, n. 59.
- [6] Bento XVI, *loc. cit.*
- [7] São Josemaria, *Caminho*, n.502.
- [8] *Ibid.*, n. 509.
- [9] Bento XVI, *loc. cit.*
- [10] São Josemaria, Amigos de Deus, n. 247.
- [11] *Ibid.*, n. 241.
- [12] *Jo* 19, 26.
- [13] Bento XVI, *loc. cit.*

[Voltar ao índice](#)

Carta do Prelado (maio 2013)

Caríssimos: que Jesus guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Mês de maio: um tempo rico em festas litúrgicas e em aniversários da Obra. Desejamos percorrê-lo conduzidos pela mão da Virgem, nossa Mãe, que nos leva sempre ao seu Filho e, com Ele e por Ele, ao Espírito Santo e a Deus Pai. Desde agora, pedimos a Nossa Senhora que nos acompanhe muito de perto, que nos obtenha sempre graças abundantes para sermos dóceis ao Paráclito – como Ela o foi – e assim nos parecermos mais e mais com o seu Filho Jesus.

Nas semanas decorridas desde a eleição do Papa Francisco, pudemos contemplar os afãs de renovação interior que se produziram em tanta gente, porque são muitas as pessoas que manifestaram publicamente a necessidade de se aproximarem de novo ou com mais frequência do sacramento da Penitência. Agradeçamos ao Senhor estes dons cuidando, em primeiro lugar, de aproveitá-los a fundo pessoalmente, ao mesmo tempo que nos esforçamos por ajudar os nossos parentes, amigos, colegas de trabalho ou de estudo, a decidir-se a empreender diariamente – como nós mesmos temos que fazer – uma vida plenamente coerente com a fé que professamos.

Continuando com a exposição dos artigos do Credo, aprofundemos no mistério da Ascensão do Senhor. Cremos, com efeito, que Jesus Cristo, depois de ressuscitado, *subiu ao céu e está sentado à direita de Deus Pai* [1]. Esta solenidade, que celebraremos neste mês – na quinta-feira dia 9 ou, nos países em que foi transferida para o domingo seguinte, no dia 12 –, deve constituir para todos uma ocasião de recordar o ditoso fim a que fomos chamados. Esta verdade lembra-nos um fato histórico e, ao mesmo tempo, um acontecimento de salvação. Como fato histórico, a Ascensão “marca a entrada definitiva da humanidade de Jesus no domínio celestial de Deus, de onde há de voltar, mas que, entretantes, o oculta aos olhos dos homens” [2]. Agora está presente na Eucaristia, de modo sacramental; mas, no seu ser natural, está somente no Céu, de onde virá no fim dos tempos, cheio de glória e majestade, para julgar todos os homens.

O evangelista que relata com mais pormenor este acontecimento é São Lucas. No começo dos Atos do Apóstolos, escreve que o Senhor, *depois da sua Paixão, apresentou-se vivo diante deles* [diante dos Apóstolos e de outros discípulos], *com muitas provas, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando-lhes das coisas do reino de Deus* [3]. Também narra que, em uma das aparições aos Apóstolos, o Senhor *lhes abriu o entendimento para que compreendessem as Escrituras. E disse-lhes: “Assim está escrito: que era necessário que Cristo padecesse, mas que ressurgisse dentre os mortos ao terceiro dia, e que em seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois as testemunhas de tudo isto”* [4].

São Josemaria considerou muitas vezes estas cenas, nas reuniões familiares que

costumava ter com numerosas pessoas. Numa ocasião, por exemplo, convidava os que o escutavam a pensar no Senhor depois da Ressurreição, quando ***falava de muitas coisas, de tudo o que os seus discípulos lhes perguntavam. Aqui imitamo-lo agora um pouquinho, porque vós e eu somos discípulos do Senhor e queremos trocar impressões*** [5]. E em outro momento, acrescentava: ***Falava-lhes como nós falamos agora aqui: a mesma coisa! Isso é a contemplação: trato com Deus. E a contemplação e o trato com Deus levam-nos ao zelo pelas almas, à fome de trazer Cristo aos que se afastaram*** [6].

Mas voltemos ao momento da Ascensão, quando Jesus os *levou até perto de Betânia e, levantando as mãos, os abençoou. E, enquanto os abençoava, separou-se deles e começou a elevar-se ao céu* [7]. Numa das últimas audiências, refletindo sobre este mistério, o Papa Francisco perguntava-se: ***Qual é o significado deste acontecimento? Quais são as suas consequências para a nossa vida? Que significa contemplar Jesus sentado à direita do Pai?*** [8]. O Senhor subiu ao Céu como Cabeça da Igreja: deixou-nos para preparar-nos um lugar, como tinha prometido [9]. “Precede-nos no Reino glorioso do Pai para que nós, membros do seu corpo, vivamos na esperança de estarmos um dia eternamente com Ele” [10]. No entanto, para entrarmos com Cristo na glória, é necessário que sigamos os seus passos. O Papa faz notar que, enquanto sobe a Jerusalém para a sua última Páscoa – em que ia consumir o sacrifício redentor –, ***Jesus vê já a sua meta, o Céu, mas sabe com certeza que o caminho que o devolve à glória do Pai passa pela Cruz, pela obediência ao desígnio divino de amor à humanidade (...). Também nós devemos ter bem presente na nossa vida cristã que entrar na glória de Deus exige a fidelidade diária à sua vontade, mesmo quando esta requer sacrifício; quando, em certas ocasiões, requer que mudemos os nossos planos*** [11]. Não esqueçamos, filhas e filhos meus, que não há cristianismo sem Cruz, não há verdadeiro amor sem sacrifício, e procuremos conformar a nossa vida diária com esta realidade gozosa. Porque significa darmos os mesmos passos que o Mestre seguiu, Ele que é *o Caminho, a Verdade e a Vida* [12].

Por isso, a grande festa da Ascensão convida-nos a examinar como deve concretizar-se a nossa adesão à vontade divina: sem rêmoras, sem laços que nos atem ao nosso eu, com a determinação plena, renovada em cada dia, de procurar, aceitar e amar com todas as nossas forças essa vontade. ***O Senhor não nos oculta que a obediência rendida à vontade de Deus exige renúncia e entrega, porque o amor não reclama direitos: quer servir. Ele percorreu primeiro o caminho. Jesus: como foi que obedeceste? Usque ad mortem, mortem autem crucis (Fil 21, 8), até à morte, e morte de Cruz. Temos que sair de nós mesmos, complicar a vida, perdê-la por amor de Deus e das almas*** [13].

A Sagrada Escritura conta que, depois da Ascensão, os Apóstolos *regressaram a Jerusalém com grande alegria. E estavam continuamente no templo bendizendo a Deus* [14]. Uns dias antes, quando Jesus lhes anunciara que perderiam a sua presença sensível, tinham-se enchido de tristeza [15]; agora, porém, mostram-se cheios de alegria. Como se explica esta mudança? É que, com os olhos da fé, mesmo antes da chegada visível do Espírito Santo, ***compreendem que Jesus, embora se subtraia à sua vista, permanece sempre com eles, não os abandona e, na glória do Pai, os sustém, os guia e intercede por eles*** [16].

Sabemos pela fé que também agora Jesus Cristo continua junto de nós e em nós,

mediante a graça, com o Pai e o Espírito Santo, e na Sagrada Eucaristia. Ele é o nosso apoio e a nossa fortaleza, o irmão mais velho, o amigo mais íntimo, que nunca nos abandona, especialmente nos momentos de tribulação ou de luta. **Segundo afirma São João na sua primeira Carta, Ele é o nosso advogado: como é bonito ouvir isto! Quando uma pessoa é citada pelo juiz ou entra num pleito, a primeira coisa que faz é procurar um advogado para que o defenda. Nós temos um que nos defende sempre, que nos defende das ciladas do demônio, nos defende de nós mesmos, dos nossos pecados! (...). Não temamos ir a Ele para pedir-lhe perdão, pedir-lhe bênção, pedir-lhe misericórdia!** [17] Esforçamo-nos por agir na presença de Deus, aconteça o que acontecer? Sabemos acolher as suas disposições? Com que intensidade o invocamos?

A certeza de que o Mestre nos acompanha constitui outra consequência do fato da Ascensão, que nos cumula de paz e alegria. Uma alegria e uma paz que necessariamente temos de comunicar aos outros, a todas as pessoas que passam por nós e especialmente aos que – talvez sem se aperceberem muito disso – sofrem por causa do seu afastamento de Deus. Como recalcava São Josemaria ao escrever sobre esta festa, ***temos uma grande tarefa à nossa frente. Não é possível permanecermos passivos, porque o Senhor nos declarou expressamente: Negociai até que eu volte (Lc 19, 13). Enquanto esperamos o regresso do Senhor, que voltará para tomar posse plena do seu Reino, não podemos ficar de braços cruzados. A propagação do Reino de Deus não é apenas tarefa oficial dos membros da Igreja que representam Cristo por terem recebido dEle os poderes sagrados. Vos autem estis corpus Christi (1 Cor 12, 27): vós também sois corpo de Cristo – frisa o Apóstolo –, com o mandato específico de negociar até o fim*** [18].

Este mês, dedicado em muitos países a Maria, tem sido sempre na Obra um tempo especialmente apostólico. O nosso Padre ensinou-nos a ir em romaria a uma ermida ou igreja dedicada à Virgem, se possível em companhia de algum dos nossos amigos ou colegas. Todos temos a experiência de que, ao regressarmos depois à vida normal – ao trabalho, à família –, notamos uma força interior nova, que a nossa Mãe nos consegue para nos encaminharmos ou reencaminharmos rumo ao seu Filho Jesus. Vem-me à memória a primeira romaria do nosso Padre a um santuário mariano – a Sonsoles, em Ávila: amanhã será um novo aniversário – e a inesquecível novena a Nossa Senhora de Guadalupe do ano de 1970, em que rezou com tanta fé pela Igreja, pelo Papa e pelo Opus Dei. Sugiro-vos que façamos a *Romaria de maio* deste ano muito unidos a essas intenções que o nosso Fundador continua a ter no Céu.

Na segunda quinzena deste mês, no dia 19, a liturgia apresenta-nos a solenidade de Pentecostes, e, no domingo seguinte, a festa da Santíssima Trindade. O Paráclito – agora como na época apostólica e sempre na vida da Igreja – é quem fortalece os cristãos e lhes comunica valentia para anunciar Jesus por toda a parte. Meditai no que aconteceu após a morte de Estevão, o primeiro mártir. ***Naquele dia – dizem concisamente os Atos dos Apóstolos – irrompeu uma grande perseguição contra a igreja de Jerusalém, e todos, exceto os Apóstolos, se dispersaram pelas regiões da Judeia e da Samaria*** [19]. Aquela perseguição, em vez de coibir o crescimento da Igreja, trouxe como consequência a sua expansão para além dos confins de Jerusalém; arraigou em novos lugares, em novas gentes, mesmo em pessoas que não pertenciam ao povo de Israel, como eram os

samaritanos. Coisa idêntica aconteceu com São Paulo durante as suas viagens apostólicas.

Ao considerarmos estes fatos, recordados nas leituras do tempo pascal, deveríamos em boa lógica perguntar-nos: Dou testemunho da minha fé em Cristo? Peço a Deus que me aumente esta virtude teologal, juntamente com a esperança e a caridade, especialmente neste Ano da fé? Ajuda-me a ser audaz a consideração de que Jesus ressuscitado caminha junto de mim por todas as sendas da minha vida corrente? Vou com frequência ao Sacrário para pedir ao Senhor uma maior piedade no meu trato com Ele e com a sua Santíssima Mãe? Escutemos as perguntas que nos faz o Papa Francisco: **Tu e eu, adoramos o Senhor? Vamos a Deus somente para pedir, para agradecer, ou dirigimo-nos a Ele também para adorá-lo? (...)** . **Adorar o Senhor quer dizer dar-lhe o lugar que lhe corresponde; adorar o Senhor quer dizer afirmar, crer – mas não apenas com palavras – que só Ele guia verdadeiramente a nossa vida** [20].

No mês passado, fui ao Líbano numa viagem rápida. Como sempre, contei com a vossa ajuda para impulsionar o trabalho apostólico dos fiéis da Prelazia nesse querido país, encruzilhada do Oriente Médio. Acompanhado por todas e por todos, rezei diante de Nossa Senhora do Líbano, no santuário de Harissa, pedindo especialmente pela paz em toda aquela região e no resto do mundo. Não desistamos de recorrer a Santa Maria em todas as necessidades da Igreja e da sociedade. É a atitude que a nossa Mãe nos ensina na festa da Visitação, no último dia do mês: fomentar em todos os momentos a disposição de servir os outros nas diversas circunstâncias que se apresentem, com Maria serviu a sua prima Isabel.

Apresentai a Nossa Senhora as minhas intenções: não há nada de egoísmo neste pedido, porque – entre muitas outras – inclui-se nessas intenções o pedido pela vossa fidelidade quotidiana, traçada com alegria, com perseverança, com fome de santidade pessoal e de zelo apostólico. Suplicai à Mãe da Igreja que obtenha da Trindade Santíssima, para a Igreja inteira e para esta *partezinha* da Igreja que é a Prelazia, muitos sacerdotes, plenamente entregues ao seu ministério. Rezaí de modos especial pelos novos presbíteros da Obra, que receberão a ordenação sacerdotal no próximo dia 4, para que sejam – como o nosso Padre desejava – **santos, doutos, alegres e esportistas no terreno sobrenatural** .

Com todo o afeto, abençoa-vos

o vosso Padre

+Javier

Roma, 1 de maio de 2013

© *Prælatūra Sanctæ Crucis et Operis Dei*

[1] Missal Romano, Símbolo niceno-constantinopolitano .

[2] *Catecismo da Igreja Católica* , n. 665.

- [3] *At* 1, 3.
- [4] *Lc* 24, 46-48.
- [5] São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 29-10-1972.
- [6] São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 3-11-1972.
- [7] *Lc* 24, 50-51.
- [8] Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 17-4-2013.
- [9] Cfr. *Jo* 14, 2-3.
- [10] *Catecismo da Igreja Católica* , n. 666.
- [11] Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 17-4-2013.
- [12] *Jo* 14, 6.
- [13] São Josemaria, *É Cristo que passa* , n. 19.
- [14] *Lc* 24, 52-53.
- [15] Cfr. *Jo* 16, 6.
- [16] Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 17-4-2013.
- [17] *Ibidem*.
- [18] São Josemaria, *É Cristo que passa* , n. 121.
- [19] *At* 8, 1.
- [20] Papa Francisco, Homilia na Basílica de São Paulo extramuros, 14-4-2013.

[Voltar ao índice](#)

Carta do Prelado (maio de 2014)

Caríssimos: que Jesus guarde as minhas filhas e os meus filhos!

No ambiente de grande alegria, próprio do tempo pascal, teve lugar a canonização de João XXIII e de João Paulo II. Este acontecimento, que adquiriu muito relevo na vida de inumeráveis cristãos, fala-nos de fidelidade e incita-nos a retornar uma vez e outra, com a lembrança e com a oração, às raízes da nossa vocação cristã.

Ao comentar o evangelho da Vigília pascal, o Papa recordou que, na Galileia, o Senhor chamou os primeiros discípulos; por isso, o convite do Ressuscitado a *voltar à Galileia*, onde poderiam vê-lo e estar com Ele, era um convite a **voltar ali, voltar ao lugar da primeira chamada**. E o Santo Padre concretizou: **também para cada um de nós há uma “Galileia” no começo do caminho com Jesus**. “**Ir à Galileia**” tem um significado bonito; para nós, significa **redescobrirmos o nosso batismo como fonte viva, tirarmos energias novas da raiz da nossa fé e da nossa experiência cristã**. Voltar à Galileia significa, sobretudo, voltar ali, a esse ponto incandescente em que a graça de Deus me tocou no começo do caminho. Com essa centelha, posso acender o fogo para o hoje, para cada dia, e levar calor e luz aos meus irmãos e irmãs [1].

Estas palavras vêm-nos como anel ao dedo ao começarmos o mês de maio, em que o afã apostólico ganha novo impulso pela intercessão da Santíssima Virgem. Assim São Josemaria alentou-nos a aproveitá-lo, especialmente desde que, em 1935, começou o costume da romaria de maio. Muitos de vós conheceis – até mesmo o tereis experimentado pessoalmente – o hábito de bastantes cristãos que, ao longo deste mês, procuram levar flores a Nossa Senhora: ***Essa flores pequenas dos nossos propósitos, essas violetas humildes e escondidas que recolhemos ao longo do dia*** [2].

É o ensinamento que o nosso Padre nos transmitiu constantemente. Desde muito cedo, assegurava-nos que ***se pode comparar a nossa vida, sendo nós homens duros e fortes, à de uma criança pequena – tê-lo-eis visto tantas vezes – a quem levam para passear pelo campo e que recolhe uma florzinha, e outra, e outra. Flores pequenas e humildes, que passam inadvertidas aos adultos, mas que ela – como é criança – vê e as reúne até formarem um ramallete, para oferecê-lo à sua mãe, que a olha com olhar de amor***[3].

São Josemaria, que nunca quis pôr-se como modelo de nada, admitia uma só exceção: ***Se quero que me imiteis em alguma coisa, é no amor que tenho a Nossa Senhora*** [4]. Com piedade e confiança de filho, dirigia-se todos os dias a Nossa Senhora com as orações que aprendeu quando era pequeno: ***frases ardentes e singelas, dirigidas a Deus e à sua Mãe, que é nossa Mãe. Ainda hoje, de manhã e à tarde, não um dia, mas habitualmente, renovo o oferecimento de obras que os meus pais me ensinaram: Ó Senhora minha, ó minha Mãe! Eu me ofereço todo a Vós. E, em prova do meu filial afeto para***

convosco, vos consagro neste dia os meus olhos, os meus ouvidos, a minha boca, o meu coração...Não será isto – de certa maneira – um princípio de contemplação, demonstração evidente de confiado abandono? [5].

Assim como acontece em tantos lares cristãos, D. Álvaro também aprendeu a relacionar-se com Nossa Senhora com carinho filial. Todos os dias, recitava devotamente uma oração aprendida da sua mãe: *Doce Mãe, não te afastes, / a tua vista de mim não afastes, / vem comigo a todas as partes / e só nunca me deixes. / Já que me proteges tanto / como verdadeira Mãe, / faz que me abençoe o Pai, / o Filho e o Espírito Santo*. Na sua aparente simplicidade, esta oração tão conhecida do povo mexicano encerra um conteúdo profundo: Nossa Senhora, como intercessora perante a Santíssima Trindade, é caminho seguro que sempre conduz a Deus.

Que grande trabalho as mães e os pais cristãos, os avôs e as avós realizam quando transmitem aos seus filhos ou aos seus netos as orações da manhã e da noite! Essas preces não se esquecem, mesmo com o passar dos anos. Mais ainda, quando – com o decorrer da vida –, às vezes, as manifestações do sentido cristão parecem apagar-se, não é raro que a devoção a Nossa Senhora permaneça no fundo da alma, como rescaldo sob as cinzas, disposta a rebrotar em momentos de necessidade espiritual, de tristeza ou desalento.

D. Álvaro cultivou a devoção mariana com grande profundidade e firmeza teológica graças à pregação e ao exemplo de São Josemaria. Ao recordar a sua resposta à chamada divina ao Opus Dei, durante umas horas de retiro espiritual, comentava: «Nesse retiro, o Padre deu uma meditação sobre o amor a Deus e o amor a Nossa Senhora que me deixou *em brasa*» [6]. Imediatamente, pediu a admissão na Obra. Sem dúvida, foi uma graça especialíssima do Senhor, outorgada pela intercessão de Nossa Senhora, à qual D. Álvaro correspondeu com decisão imediata e definitiva.

Todas as graças chegam-nos pela mediação materna de Santa Maria, *Onipotência suplicante*. Por isso, temos de fomentar mais intimamente o diálogo com a nossa Mãe nas próximas semanas e, logicamente, nos outros meses do ano. Assim, a nossa união com Jesus e o nosso espírito apostólico aumentarão. Aproveitemos este mês para cuidarmos mais da recitação e da contemplação dos mistérios do Rosário, tanto na romaria que fizemos como nos outros dias. Assim, far-se-á «mais profundo em nós – dizia D. Álvaro – o hábito de *irmos* e *voltarmos* a Jesus constantemente por Maria» [7].

Numa das considerações de *Caminho*, São Josemaria recomenda este modo de comportar-se. Nos primeiros anos da sua vida no Opus Dei, D. Álvaro perguntou-lhe o significado da frase “‘ir e voltar’ a Jesus por Maria”. A resposta do nosso Fundador contribuiu para consolidar ainda mais a sua piedade mariana. Ele mesmo evocou esse episódio com frequência, bem como a explicação do nosso Padre: Nossa Senhora traça-nos o caminho mais curto e mais seguro para sempre recorrermos à misericórdia de Deus; sobretudo se, por desgraça, nos separamos dEle – não somente com ofensas graves, mas também com pequenas ou não tão pequenas indelicadezas que um cristão pode ter ao longo do dia.

Estas reflexões ganham especial relevância durante as próximas semanas. Ao recordar a novena de São Josemaria a Nossa Senhora de Guadalupe, D. Álvaro

concretizava: «Que *flores* levaremos à nossa Mãe neste mês de maio? Transmito-vos o conselho do nosso Fundador, aquilo que sempre nos ensinou a praticar, quando nos recomendava oferecer a Nossa Senhora ***rosas pequenas, as da vida corrente, mas cheias do perfume do sacrifício e do amor***. Assim, procuraremos pôr mais empenho – mais amor – nos nossos deveres de cada momento: na fidelidade aos compromissos divinos que nos unem a Deus e à Obra; na preocupação santa pelos nossos irmãos e por todas as almas; no cumprimento das obrigações próprias do estado de cada um; na realização de um trabalho profissional exigente e ordenado» [8].

Como tantos homens e mulheres cristãos, D. Álvaro, ao longo da sua existência, foi acrisolando os detalhes de carinho a Nossa Senhora que aprendeu do nosso Padre: colocar na carteira ou na bolsa uma imagem de Nossa Senhora; saudar Nossa Senhora ao entrar ou sair dos cômodos e ao passar pelos lugares onde descobrimos as suas imagens; rezar com pausa e devoção as três Ave-Marias antes do descanso noturno... Por ocasião das bodas de ouro da fundação do Opus Dei, declarou 1978 como *ano mariano* na Obra, tempo que depois se prolongou a 1979 e a 1980 como preparação e agradecimento pelos cinquenta anos do começo do apostolado com as mulheres. «Não faremos nada estranho ou clamoroso – explicou na época –: simplesmente, como bons filhos, vamos pôr Nossa Senhora *em tudo e para tudo*» [9].

Durante aquele tempo mariano, em muitas visitas a imagens de Nossa Senhora, em Roma e fora de Roma, rezava o Terço pedindo à nossa Mãe pela Igreja e pelo Papa, pela Obra, por todas as almas. Esse recurso a Nossa Senhora era uma lição de fé na intercessão de Maria; posso assegurar, porque fui testemunha ocular, que o modo de comportar-se deste servo bom e fiel, enamorado de Jesus Cristo e da sua Mãe, impelia-nos a nos dirigirmos a Nossa Senhora com grande confiança.

O amor é engenhoso, busca modos de ter a pessoa amada presente. Assim procedia D. Álvaro na sua devoção mariana, de acordo com tantas sugestões do fundador do Opus Dei. ***À hora de trabalhar*** – ensinava São Josemaria –, ***empregai expedientes humanos, meios que vos sirvam de despertadores da presença de Deus. Eu faço-o e dá bom resultado*** [10]. Aconselhou-nos a colocar no bolso um pequeno crucifixo, para beijá-lo em algum momento do dia; colocar sobre a mesa de trabalho uma imagem do Senhor ou de Nossa Senhora. ***De quando em quando, olho-o*** – dizia –, ***lembro-me do Senhor e ofereço-lhe tudo. É como se tivesse um retrato do meu pai ou da minha mãe ao alcance do olhar. Mais, muito mais: porque é o meu Pai, o meu Deus, o meu Amigo e o Amor dos meus amores*** [11].

Até o final do seu caminhar terreno, D. Álvaro serviu-se desses *expedientes humanos*: recordatórios para aprimorar-se nas suas manifestações de amor a Nossa Senhora. Por exemplo, nos anos marianos aos que acabo de aludir, deixava todos os dias uma estampa diferente da Mãe de Deus na mesa em trabalhava, a fim de dirigir-lhe mais olhares de carinho e jaculatórias.

Naqueles anos marianos, muitos fiéis da Obra incorporaram às suas vidas o que o nosso sugeria e que D. Álvaro viva com piedade sólida: o *santo e senha mariano*: umas breves palavras, a modo de jaculatória, para manter a presença de Deus durante o dia, com o auxílio de Nossa Senhora.

Nestas semanas, encontramos muitos motivos para honrarmos e crescermos neste aspecto tão cristão. No dia 13, a festa de Nossa Senhora de Fátima traz-nos à memória os seus cuidados maternais. Do dia 16 ao 24, vem à nossa mente a novena de São Josemaria à Vila de Guadalupe, no México, para rezar pela Igreja, pelo Papa e pelo Opus Dei. No dia 24 celebra-se a memória litúrgica de Nossa Senhora *Auxílio dos cristãos*. E o mês finaliza com a festa da Visitação de Nossa Senhora à sua prima Santa Isabel, além de muitos títulos marianos que se celebram nos diferentes países.

Sugiro-vos novamente que releiais as homilias e outros escritos em que o nosso Padre se refere a Nossa Senhora: incitar-nos-ão a rejuvenescer a nossa piedade mariana, a incrementar o nosso relacionamento com Maria e a mostrar a muitas pessoas esta senda segura que conduz à intimidade com Jesus Cristo e, por Ele, a Deus Pai e ao Espírito Santo. ***Muitas conversões, muitas decisões de entrega ao serviço de Deus foram precedidas de um encontro com Maria. Nossa Senhora fomentou os desejos de procura, ativou maternalmente as inquietações da alma, fez ansiar por uma mudança, por uma vida nova*** [12].

«Enchei-vos, pois, de confiança e de segurança na intercessão maternal de Nossa Senhora e sede audazes no convite a muitas pessoas a honrar a Senhora com estas romarias. Far-lhes-eis um grande bem, porque, ao considerar os mistérios do Santo Rosário, ao rezar sem pressa, saboreando-as, essas orações vocais maravilhosas que a Igreja nos transmitiu, ao oferecer com alegria alguma pequena mortificação em honra da nossa Mãe, irão aprendendo as lições da disponibilidade mais absoluta no serviço a Deus e às almas que nos dá a Escrava do Senhor, a criatura mais perfeita que saiu das mãos de Deus» [13].

Antes de terminar, desejo renovar-vos o pedido de que rezeis pelas minhas intenções. Nos próximos dias, espero a vossa companhia na oração pelos trinta novos sacerdotes da Prelazia, a quem ordenarei no dia 10 de maio, em Roma. E continuai a rezar – com o alento e a proteção da nossa Mãe – pelo Papa e pelos seus colaboradores no governo da Igreja, pelos bispos, pelos sacerdotes e religiosos, por todo o povo cristão. Que a luz de Cristo ressuscitado penetre nas mentes e nos corações. Confiemos esta oração à Virgem Santíssima, e Ela conduzir-nos-á a nos prepararmos para a solenidade de Pentecostes. A que nos propusemos para melhorarmos a nossa piedade mariana? Que ofertas especiais lhe dedicaremos cada dia?

Não me detenho em tantas outras datas deste mês que nos revelam o papel grandioso de Santa Maria nas nossas vidas e na história da Obra.

Com todo o afeto, abençoa-vos

o vosso Padre

+ Javier

Roma, 1º de maio de 2014.

[1] Papa Francisco, Homilia na Vigília pascal, 19-4-2014.

[2] São Josemaria, Notas de uma meditação, 19-3-1958.

[3] São Josemaria, *Carta de 24-3-1930*, n. 13.

[4] São Josemaria, Palavras em janeiro de 1954, no começo de um ano mariano na Igreja universal.

[5] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 296.

[6] D. Álvaro, Notas de uma reunião familiar, 3-10-1975.

[7] D. Álvaro, Carta, 2-5-1985.

[8] D. Álvaro, Carta, 1º-5-1984. A citação de São Josemaria corresponde à sua oração pessoal na *Vila de Guadalupe* em 20 de maio de 1970.

[9] D. Álvaro, Carta, 9-1º-1978, n. 20.

[10] São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 30-3-1974.

[11] *Ibid.*

[12] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 149.

[13] D. Álvaro, Carta, 1º-5-1984.

[Voltar ao índice](#)

Carta do Prelado (Maio 2015)

Caríssimos: que Jesus guarde as minhas filhas e os meus filhos!

O começo do mês de maio, especialmente dedicado a Nossa Senhora em muitas nações, recorda-nos que temos que levar a todos os lugares o ambiente de Nazaré, as virtudes e os modos de comportar-se da Sagrada Família, de um modo muito especial através do exemplo de Santa Maria.

Hoje celebramos a festa litúrgica de São José operário: o homem em que Deus confiou para que cuidasse de Jesus e da Santíssima Virgem, seus dois grandes tesouros na terra. Esta festa, verdadeiro pórtico do mês de Maria, convida-nos a entrar mais profundamente na casa de Nazaré. E não esqueçamos que esse lar perdura agora na Igreja, verdadeira família de Deus; nos lares dos cristãos, e nesta *pequena família* dentro da Igreja, que é a Prelazia do Opus Dei.

Ao longo deste ano mariano, rezamos, e rezamos perseverantemente e especialmente pela instituição familiar, para que reflita com plenitude o desígnio de Deus e se acomode ao modelo divino que nos mostrou em Belém, em Nazaré e em qualquer lugar onde Jesus descansava de suas fatigosas viagens. Como não pensar também na casa de Betânia, onde Lázaro, Marta e Maria lhe ofereciam alojamento para que o Mestre repousasse, esmerando-se para lhe dar o melhor! Por isso nosso Padre – o sabeis bem – chamava *Betânia* aos sacrários e nos impulsionava a ter contínuos detalhes de atenção e de carinho com Nosso Senhor, adorando a Jesus com Maria e com José.

Mesmo que em todos os momentos procuremos reproduzir em nossos lares o ambiente da Sagrada Família, não nos deve estranhar que, às vezes, não saibamos refletir a serenidade que reinou sempre ali. Consideremos o que aconteceu a Maria e José, quando tiveram que fugir precipitadamente da perseguição de Herodes; sem esquecer que, na Igreja primitiva, junto às descrições da harmonia que unia os primeiros cristãos, não faltam páginas em que se relata como em ocasiões a paz se perturbava, por causa das perseguições, das incompreensões do ambiente ou, inclusive, do mau comportamento de alguns. No entanto, com a ajuda do Espírito Santo, superaram aqueles obstáculos e foram fiéis a Jesus Cristo com uma lealdade serena.

No seio de um lar podem surgir diferenças esporádicas e quebrar-se, ao menos em alguns momentos, o clima de carinho tão próprio de uma vida de fé. Nestes casos – como sempre – devemos recorrer à oração, para recompor até a menor fissura entre os diversos membros da família, e também para colaborar com o bem da sociedade, já que **há um vínculo estreito entre a esperança de um povo e a harmonia entre as gerações** [1]. E acrescentava o Papa em outra ocasião: **O laço de fraternidade que se forma em família, entre os filhos, quando se verifica num clima de educação para a abertura ao próximo, é uma grande escola de liberdade e paz (...).** Talvez nem sempre estejamos conscientes disto, mas é

precisamente a família que introduz a fraternidade no mundo! [2].

Nos últimos anos de sua vida, São Josemaria manteve reuniões com muitas pessoas que expunham seus pequenos e não tão pequenos problemas, e lhe pediam conselhos. Não era infrequente que os pais e mães de família sofressem porque alguns de seus filhos ou suas filhas ficavam rebeldes ao chegar à adolescência. Nosso Fundador procurava tranquilizá-los e recordava-lhes que, **nessa idade, a rebeldia sempre existiu, mesmo que talvez recentemente tomasse mais relevo. Mas o remédio, junto com a oração, não mudou: que tenhas calma com os filhos, que não lhes dê uma bofetada por uma ninharia. Os filhos ficam irritados, tu aborreces-te, sofres porque gostas muito deles e, ainda por cima, tens de te acalmar. Tem um bocadinho de paciência, chama-lhes a atenção quando já te tiver passado a irritação, e sem ninguém por perto. Não os humilhes diante dos irmãos. Fala com eles apresentando algumas razões, para que se deem conta de que devem atuar de outra maneira, porque assim agradam a Deus. Desta forma os vais educando e, no dia de amanhã, poderão abrir caminho na vida e ser bons cristãos e bons pais de família, se Deus os levar por aí.**

Por isso, a primeira coisa a fazer é evitar os extremos: nem demasiada benevolência nem demasiado rigor [3].

São Josemaria encontrou no Evangelho este modo de trabalhar. Em suas conversas com os pais, é fácil reconhecer as instruções do Senhor sobre a prática caritativa da correção fraterna, mesmo que nestes casos não se atribua propriamente esse nome. No Opus Dei, todos temos que nos esmerar para pôr em prática este compromisso cristão tão unido às intenções do próprio Jesus Cristo. Entende-se assim que nosso Padre, entre as perguntas que formulava para *medir o pulso* ao chegar a um Centro, perguntava: *vive-se a correção fraterna?*

Aprendemos que São José recebia mensagens do céu durante o sonho; e, fixando-se neste acontecimento, o Papa adverte que **não é possível uma família sem o sonho. Numa família, quando se perde a capacidade de sonhar, os filhos não crescem, o amor não cresce; a vida debilita-se e apaga-se [4].** E oferece aos pais e mães o seguinte convite, para que considerem cada dia antes de retirar-se para descansar: **Hoje sonhei com o futuro dos meus filhos? Hoje sonhei com o amor do meu esposo, da minha esposa? Hoje sonhei com os meus pais, os meus avós que fizeram a vida avançar até mim [5].**

São perguntas que, de um modo ou de outro, todos devemos nos fazer. Consideremos todos os dias se rezamos por nossos irmãos e nossas irmãs na Obra, por nossas famílias e pelas pessoas que frequentam os labores apostólicos; se pedimos a Deus o melhor para eles, o que mais necessitam, se pensamos na oração como ajudar-lhes..., se sabemos prestar-lhes serviços sem esperar nada em troca: já nos amam!

Com grande coragem – assim relata-se no livro dos Atos dos Apóstolos – *os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus. Em todos eles era grande a graça [6].* Por impulso do Espírito Santo, superavam com otimismo os obstáculos que se opunham ao seu trabalho; e inclusive enchiam-se de alegria quando tinham que padecer injúrias, cárcere, açoites, pelo nome de Jesus [7]. Esta

fortaleza de animo, este crescimento diante das contradições, reforçava-se com os cuidados que a Mãe de Jesus – Mãe também de cada um deles – lhes dedicava. Desde que o Paráclito desceu em Pentecostes, tratavam-na com mais confiança filial. *A oração dos discípulos* – escreve o nosso Padre a este propósito – *acompanha a oração de Maria; era a oração de uma família unida* [8]. Assim nós temos que proceder, especialmente durante a tradicional Romaria de maio, que este ano possui um conteúdo único: deixar confiadamente nas mãos de nossa Mãe a oração da Igreja pelos frutos do Sínodo sobre a família, que será celebrado em outubro.

Além disso, amanhã faz oitenta anos da data em que nasceu na Obra este Costume da Romaria de maio, que já o fizeram muito seu milhões de pessoas em todo mundo. Recordando aquele 2 de maio de 1935, ao longo de muitas décadas, em uma de suas últimas visitas marianas ao santuário de Nossa Senhora de Sonsoles, São Josemaria expressava-se assim: ***rezai muito a Nossa Senhora no mês que vai começar. As romarias de maio são uma coisa maravilhosa. Eu estive ontem em Sonsoles e pensava que, se todos os que fazem a romaria durante o mês de maio – na Europa, na Ásia, na África, na América e na Oceania – fossem a Sonsoles uns atrás dos outros, haveria, sem interrupção, gente indo e vindo dessa ermida da Virgem Maria, desde 1 de janeiro a 31 de dezembro***[9].

Com a piedade e o empenho de todos, bem unidos ao Papa, aos bispos e aos outros cristãos, alcancemos uma intensa súplica pela Igreja, pelo mundo, pelas famílias, pela sociedade civil, Assim as atividades pessoais e corporativas ao serviço das almas se desenvolverão mais e se encherão de eficácia. Nosso Padre afirmava que ***todas as tarefas apostólicas e os meios para começá-las são onus et honor, carga e honra (...) dos Numerários, dos Agregados e dos Supernumerários, e também dos Cooperadores. Enganava-se e teria mau espírito e pouca generosidade quem pensasse que esses empreendimentos são tarefas só dos Numerários, porque é necessário que se possa dizer sempre de nós, ao falar dos nossos interesses apostólicos, aquilo que se lê nos Atos dos Apóstolos: multitudinis autem credentium erat cor unum et anima una (At 4, 32), toda a multidão dos fiéis tinha um só coração e uma só alma*** [10].

Na penúltima semana de abril, estive em Valência, onde – convidado pelo Cardeal Arcebispo – celebrei na catedral a Missa de ação de graças pela beatificação de Dom Álvaro e pronunciei uma conferência sobre seu trabalho no Concílio Vaticano II. Além disso, reuni-me com muitas filhas e muitos filhos meus, e com pessoas de todas as idades que participam do labor da Obra. Ajudai-me a agradecer a Deus os frutos espirituais que Ele quis suscitar. Acompanhai-me também na ação de graças pela ordenação presbiteral de um bom grupo de irmãos vossos, Numerários, no próximo dia 9, na Basílica de Santo Eugênio. *Deo omnis glória!*

Terminei filhas e filhos meus, com a lembrança da novena de São Josemaria à Virgem de Guadalupe, em maio de 1970. Foi lá para rezar pela Igreja, pelo Santo Padre, pelo Opus Dei. E quantos frutos produziu! Continuarão abundantes, pela bondade de Deus e a intercessão da Virgem Santíssima, se nos esforçarmos por seguir cotidianamente os passos do nosso Padre, como fez Dom Álvaro de maneira tão leal. Recorramos à sua intercessão, especialmente no próximo dia 12, data que

celebraremos pela primeira vez a sua memória litúrgica.

Com todo carinho, abençoa-vos e volta a pedir orações

vosso Padre

+ Javier

Roma, 1 de maio de 2015

[1] PAPA FRANCISCO, Discurso na audiência geral, 11-II-2015.

[2] PAPA FRANCISCO, Discurso na audiência geral, 18-II-2015.

[3] SÃO JOSEMARIA, Anotações de uma reunião familiar, 24-XI-1972.

[4] PAPA FRANCISCO, Encontro com as família em Filipinas, 16-I-2015.

[5] *Ibid.*

[6] *At* 4,33.

[7] Cf. *At* 5, 41.

[8] SÃO JOSEMARIA, *É Cristo que passa*, n. 141.

[9] SÃO JOSEMARIA, Anotações de uma reunião familiar, 29-IV-1969.

[10] SÃO JOSEMARIA, *Carta 31-V-1954*, n. 34.

[Voltar ao índice](#)

Carta do Prelado (maio de 2016)

Queridíssimos: que Jesus me guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Começa o mês mariano por excelência, no qual procuramos colocar a devoção a Nossa Senhora no centro dos nossos dias. Muitos de nós recordaremos as devoções aprendidas na infância: orações dedicadas à nossa Mãe – talvez o Terço em família – o oferecimento de pequenos sacrifícios, adornos florais junto das imagens de Santa Maria... Sugiro por isso, aos pais e mães de família, que vivam estes gestos, levando consigo os seus filhos pequenos. Também pode ajudar ler e meditar o que o Santo Padre escreve sobre o relacionamento entre os membros da família, na sua recente exortação apostólica[1].

Comportemo-nos assim, seguindo também as sugestões e conselhos do nosso Padre, para que "criar um ambiente de casa" seja, na Obra, responsabilidade de todas e de todos, conscientes de que, com os cuidados de família, o Opus Dei é uma antecipação do Céu.

São Josemaria mostrou um grande empenho em fomentar a piedade mariana na Obra, requisito sem o qual não é possível, ou é muito difícil, seguir Jesus Cristo. A Romaria de maio apresenta-se como uma devoção específica, já difundida por todo o mundo. Além disso, animou-nos a viver com mais afeto e atenção o relacionamento com Nossa Senhora: rezar sem pressa o Terço, contemplando os mistérios da vida do seu Filho e da sua, a oração do Ângelus ao meio-dia, etc. Um conjunto de normas de piedade que, bem cultivadas, ajudam a manter a presença de Deus durante todo o dia.

Rezar à Virgem Maria revela amor e é sinal de confiança nela. Não se reduz a sentimentos, que também podem abundar nessas preces. ***Mas não nos devemos preocupar se, ao princípio, existe só o bom empenho por rezar, quase maquinalmente, uma pequena prece a Nossa Senhora. Quando essa oração sincera brota de um coração que, apesar dos pesares, não esqueceu os desvelos maternos, Santa Maria atea essa frágil brasa e leva à alma o desejo de se formar na doutrina do seu Filho. Essa breve prece – as pequenas brasas cobertas de cinzas – transforma-se no fogo que queima as misérias pessoais, capaz de atrair outros à luz de Cristo***[2].

Talvez tenhamos já reparado que os Evangelhos recolhem poucas palavras de Nossa Senhora; e de São José, nenhuma. Contudo, o que a Sagrada Escritura nos transmite basta para entender ***como a Mãe de Jesus acompanha seu Filho passo a passo, associando-se à sua missão redentora, alegrando-se e sofrendo com Ele, amando aqueles a quem Jesus ama, ocupando-se com solicitude maternal de todos os que estão ao seu lado***[3]. Pensemos, por exemplo, no relato das bodas de Caná. ***Narra-nos o evangelista que, dirigindo-se aos criados, Maria lhes disse: Fazei o que Ele vos disser. É disso que se trata: de levar as almas a situar-se diante de Jesus e a perguntar-lhe:***

Domine, quid me vis facere? Senhor que queres que eu faça?[4]

Apoiada nestas palavras, a Igreja invoca a Virgem Maria, na Ladainha, como *Mater Boni Consilii*, Mãe do Bom Conselho, porque não há realmente encargo mais importante que este: encaminhar as almas para Jesus, nosso Mestre e Redentor, de modo que cada um O conheça, conviva com Ele e por Ele se enamore. Assim fez São Josemaria desde o princípio da Obra. E aqueles que tivemos a oportunidade de o acompanhar nas suas visitas marianas, vimos como rezava cada Ave-maria, para tratar de forma mais íntima a Santíssima Trindade. Não esqueçamos também que ***muitas conversões, muitas decisões de entrega ao serviço de Deus foram precedidas de um encontro com Maria***[5]. Experimentamos isso muitas vezes na nossa vida pessoal e no trabalho apostólico.

O conselho da nossa Mãe aos servos de Caná dirige-se hoje a cada um, a cada uma, porque todos nós somos chamados a aproximar os outros de Jesus Cristo. Precisamente, uma das obras de misericórdia espirituais, que é especialmente recomendada neste ano jubilar, é *dar conselho a quem precisa*. O Mestre quer servir-Se de nós como se serviu dos primeiros discípulos, enviando-os a todas as cidades aonde Ele iria, para que preparassem o caminho. Porque «o Senhor não nos fala só na intimidade do coração, fala-nos sim mas não só ali, fala-nos também através da voz e do testemunho dos irmãos. É deveras um dom importante poder encontrar homens e mulheres de fé que, sobretudo nos momentos mais complicados e importantes da nossa vida, nos ajudam a iluminar o nosso coração e a reconhecer a vontade do Senhor!»[6]

São Josemaria queria que percebêssemos que somos instrumentos de Cristo nesta tarefa de iluminar o coração e a inteligência das pessoas. ***Não podes ser apenas um elemento passivo. Tens de converter-te em verdadeiro amigo dos teus amigos: “ajudá-los”. Primeiro, com o exemplo da tua conduta. E depois, com o teu conselho e com o ascendente que a intimidade dá***[7]. Uma intimidade que dá lugar ao conselho e que configura o apostolado pessoal de amizade e confiança, que o nosso Padre difundiu desde o princípio. ***Essas palavras, deslizadas tão a tempo ao ouvido do amigo que vacila; a conversa orientadora que soubeste provocar oportunamente; e o conselho profissional que melhora o seu trabalho universitário; e a discreta indiscrição que te faz sugerir-lhe imprevistos horizontes de zelo... Tudo isso é “apostolado da confiança”***[8].

Para ajudar os outros com eficácia, através do conselho mais adequado às suas necessidades, é essencial falar primeiro sobre essas questões com o Senhor, na meditação. Precisamente aí, em conversa filial com Deus, receberemos luzes para as comunicar aos nossos amigos e colegas. É aí que «o Espírito faz-nos crescer interiormente (...) e ajuda-nos a não cair na armadilha do egoísmo e do próprio modo de ver as coisas (...). A condição essencial para conservar este dom é a oração. Voltamos sempre ao mesmo tema: a oração!»[9]

A oração é considerada apresenta-se-nos como a *arma* mais importante ao nosso alcance. Com oração, a Igreja foi para a frente ao longo dos séculos e com oração continuará a caminhar, apesar dos obstáculos que encontra no seu caminho. Isso também aconteceu no Opus Dei, *partezinha* da Igreja, e por isso São Josemaria afirmava com repetida insistência que a oração é um remédio muito eficaz para

todas as necessidades. Preparemos, portanto, as nossas conversas apostólicas nos momentos de diálogo com o Senhor, e recorramos à intercessão de Nossa Senhora.

No próximo dia 12 de maio vamos comemorar com muita alegria a festa do Bem-Aventurado Álvaro. Recordo algumas das suas visitas à Mãe do Bom Conselho, perto de Roma. Diante dela rezou na vigília do conclave que elegeu São João Paulo II como sucessor de São Pedro. E durante um dos anos marianos que convocou no Opus Dei, D. Álvaro referiu-se a essa invocação: "se queremos que o nosso agradecimento se concretize numa realidade de mais entrega a Deus, e que não se fique num gesto superficial ou em belas palavras, teremos de recorrer cada dia com mais intensidade à Virgem Santíssima, *Mater boni consilii*» [10].

Na sequência destas palavras do meu queridíssimo predecessor, peço-vos que, na Romaria de Maio e noutras visitas marianas que a cada um inspire a piedade pessoal, roguemos à nossa Mãe Santa Maria pelo bem das famílias, pela paz no mundo, pelo Papa e suas intenções, pelas necessidades da Igreja, da Obra, pelas vocações, pela eficácia dos trabalhos apostólicos. Deixemos estas súplicas nas suas mãos, para que ela as apresente ao Espírito Santo na próxima Solenidade de Pentecostes. «Que Ela nos leve a Jesus, a Deus uno e trino, em homenagem de ação de graças e em petição de perdão»[11].

Não me detenho noutras efemérides deste mês, e quero pensar que, para todas e para todos, cada dia será um encontro com o Senhor, pela mão da Virgem Maria.

Com todo o afeto, abençoa-vos

o vosso Padre

+ Javier

Roma, 1 de maio de 2016.

P.S. Quando estava prestes a enviar esta carta para a tipografia, recebi a notícia de que o Papa declarou a heroicidade das virtudes de Montse Grases. Agradecemos-lo ao Senhor e à Virgem Maria sob a invocação de Montserrat, em cuja memória litúrgica recebemos esta grata notícia. Recorramos à intercessão desta jovem mulher nas nossas necessidades.

[1] Cfr. Papa Francisco, Exhort. apost. *Amoris lætitia*, 19-III-2016, caps. III y VII.

[2] São Josemaria, *La Virgen del Pilar*, artigo póstumo publicado em 1976 ("Por las sendas de la fe", Ed. Cristiandad, p. 172).

[3] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 141.

[4] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n.149.

[5] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n.149.

[6] Papa Francisco, Discurso na Audiência geral, 7-V-2014.

[7] San Josemaría, *Sulco*, n. 731.

[8] San Josemaría, *Caminho*, n. 973.

[9] Papa Francisco, Discurso na Audiência geral, 7-V-2014.

[10] Bem-Aventurado Álvaro, Carta, 9-I-1978, n.8.

[11] Bem-Aventurado Álvaro, Carta, 9-I-1978, n.8.

[Voltar ao índice](#)

© Prelazia da Santa Cruz e Opus Dei

www.opusdei.org